

MARIA



Shirin Ebadi

Nobel da Paz para uma iraniana!

* Paz * Shalon * Peace * Paix * Pax * Pace *
 * Saudi * Axé * Spokui * Assalam * MWP *

Rezar com

fé...



Rezando com fé,
pedi força e vigor,
e Deus me mandou dificuldades
para me fazer forte;

pedi sabedoria e
Deus me deu problemas
para resolver;

pedi prosperidade
e Deus me deu energia e cérebro
para trabalhar;

pedi coragem
e Deus me mandou pessoas
com problemas para eu ajudar;

pedi favores
e Deus me deu oportunidades.

Não recebi nada do que queria,
mas recebi tudo que precisava.
Minhas preces foram atendidas.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Nestor A. Zatt

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da Revista Ave Maria — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos eles. A seguir a lista dos colaboradores legais:

São Paulo: Andréia Maria Ferreira Reis; Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan.

Minas Gerais: Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes; Gilmar Diniz Silva. — Goiás: Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva. Sérgio Pierozan.

Rio Grande do Sul: Harieta Moehlecke Drech;

Ceará: José Erivaldo Lima Miranda.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue para a *Revista Ave Maria*.

Assinatura anual: R\$ 25,00

**Ligue grátis: 0800-555-021
(11) 3823-1065 e Fax: 3663-3491**

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br



Esperança e paz

“Espero que Deus me ajude a tocar a vida pra frente”. Com esta frase, um pobre senhor de meia idade concluiu uma entrevista, na qual um repórter de um jornal de TV lhe havia perguntado o que ia fazer depois de um caminhão desgovernado ter matado seus dois filhos e dois netos.

A esperança é sinônimo de confiança. Certamente, ele já estava decidido a “tocar a vida pra frente”, contudo, confia que Deus o ajudará a sair da angústia e a ter paz. A fé nos faz ver que Deus está conosco, como foi lembrado e celebrado no Natal; predispõe-nos a olhar para o futuro confiantes de que o Senhor estará sempre junto, assegurando-nos a paz.

Estamos em um ano novo que começa com o Dia Mundial da Paz. Nem todas as coisas e planos de 2003 resultaram acertadamente. Sobraram algumas dificuldades para administrar neste 2004, todavia, se cristãmente nos apoiarmos, iremos prosperar.

Caminhar com o semelhante — ser solidário — é indício de que Deus está junto. Amar o próximo já é certeza, pois Deus é amor (cf. 1Jo 4,16).

Caberia, quem sabe, perguntar ao desafortunado pai e avô: “o senhor têm amigos que irão ajudá-lo?”. Provavelmente, a resposta seria positiva. Os pobres, mencionados por Jesus, geralmente procuram juntar mais amizades do que bens. A esperança daquele homem deu-lhe paz suficiente para falar com serenidade como falou.

Neste número, na seção: Palavra do Papa, “Pela paz no mundo” (p.6), João Paulo II associa o Rosário à paz, dizendo que ele nos faz assimilar, com os mistérios, nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus, também o seu projeto de paz, de amor e fraternidade.

Em “Feliz Ano-Novo” (p.7), Frei Betto externa sua esperança e desejo para todos; justiça, pão e alegria. “Um Ano-Novo que seja o último da era da fome.”

No livro sagrado da Revelação, São João expressa sua esperança em um mundo novo, diferente, onde o Senhor, presente em nosso meio, diz: eis que renovo todas as coisas (Ap 21,1-5). No artigo: “Depende de nós...” (p.8), Luís Erlin descreve a importância do nosso envolvimento com Deus para que nossa vida se renove.

João Batista Libânio, em “Nobel da Paz para uma iraniana!” (p.9), relata esse fato extraordinário como anseio de todas as pessoas de sensibilidade, a escolha de Shirin Ebadi, de outra cultura, modelo para as pessoas do Ocidente, ao defender os direitos humanos no Irã.

Em “Criação: ação e paixão” (p.11), Maria Clara Lucchetti Bingemer nos faz ver que tudo o que está no cosmos é criação de Deus. Tudo está em equilíbrio, revelando o maravilhoso projeto de Deus. Devemos ter o cuidado de conservá-lo, pois nele também entram as relações humanas. Daí, a importância de sempre buscarmos aproximação das outras culturas, com intenção de paz e não de destruição, e vivendo nesta firme esperança, aguardando a vinda do Cristo Salvador. Hoje, queremos vivenciar seu espírito na esperança e celebrar a prosperidade da paz.

P.C.G.



Ricos e pobres

A distância entre ricos e pobres nos Estados Unidos da América mais que dobrou, de 1979 a 2000, segundo um estudo do governo norte-americano. O abismo é tão grande que, em 2000, a faixa de 1% dos mais ricos tinha mais dinheiro do que os 40% dos mais pobres, descontados os impostos.

A análise do Escritório de Orçamento do Congresso mostra 2000 como o ano da maior disparidade econômica entre ricos e pobres, desde 1979. Naquele ano, os 2,8 milhões de americanos mais ricos detinham US\$ 950 bilhões, ou 15,5% do bolo econômico, que era de US\$ 6,2 trilhões. Já os 110 milhões mais pobres compartilhavam 14,4% da receita nacional. A renda *per capita* média da faixa mais rica mais do que triplicou no período, passando de US\$ 287,3 mil para US\$ 862,7 mil, já corrigida a inflação. Em contrapartida, a renda da faixa mais pobre cresceu apenas 13%, passando de US\$ 18.695 para US\$ 21.118.

O estudo mostra ainda que o aumento do poder aquisitivo dos mais ricos se deve à prosperidade econômica e aos cortes na carga tributária, realizados nas duas últimas décadas. Desde 1979, os impostos federais caíram para os mais ricos, 3,8 pontos percentuais, enquanto, para os

mais pobres, a queda foi de 1,6% (*The New York Times* in *O Estado de São Paulo* de 26/9/03).

Revolução racial



Foto: Eduardo Russo

Frei David, na sede nacional da Educafro, em São Paulo.

A edição de 28/10/03 da revista norte-americana *Newsweek* trouxe uma reportagem sobre as ações afirmativas em favor da população negra que o Brasil vem adotando e discutindo, nos últimos anos, citando o trabalho da "Educafro", *Educação e Cidadania de Afrodescendentes Carentes*, entidade que tem à frente o Frei David Raimundo dos Santos, ofm.

Intitulado "Revolução Racial do Brasil", o texto, escrito por Mac Margolis, começa apontando que o preconceito racial ainda marca o País — embora muitos brasileiros digam acreditar que o Brasil chegou a uma democracia racial.

"Agora, graças a novas políticas raciais, a sociedade que é dona da cultura

mais diversificada da América Latina pode estar mudando de um modo que poucos poderiam imaginar", diz Margolis, acrescentando que, depois de anos de debate, as ações afirmativas chegaram ao Brasil.

Entre iniciativas de inclusão do grupo que representa 46% dos 175 milhões de habitantes, a *Newsweek* cita como o ponto que "talvez seja o mais importante" o fato de os negros estarem ingressando nas universidades públicas por meio de cotas. A revista menciona a experiência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), citando a polêmica inicial e a defesa feita por sua reitoria.

Margolis lembra que o Brasil costuma ser mencionado como a segunda maior nação negra do mundo depois da Nigéria e que, aqui, a maioria dos negros ainda ocupa cargos inferiores, têm salários mais baixos e menos acesso à educação.

Migrantes e refugiados

De 17 a 22 de novembro de 2003, aconteceu em Roma, Itália, o 5º Congresso Mundial da Pastoral para os Migrantes e Refugiados. O congresso contou com conferências sobre a atual situação dos migrantes e refugiados no mundo, os desafios pastorais que os cercam, a visão da Igreja sobre a mobilidade huma-

na, sua missão em uma sociedade multicultural ou intercultural, o diálogo ecumênico e inter-religioso. Na oportunidade falou-se, também sobre o desafio da caridade e a acolhida para criar um mundo mais justo, livre e pacífico. Segundo o arcebispo Agostino Marchetto, secretário do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes, hoje milhões de pessoas abandonam seu próprio país de origem por motivos de trabalho, turismo, peregrinação, em exílio, fogem da guerra, obrigados pela pobreza ou para pedir asilo.

Ação missionária

No dia 7 de novembro, na sede da CNBB, em Brasília (DF), o representante da missão "ad gentes" (para os povos) na Comissão, dom Franco Masserdotti, reuniu-se com irmã Maris Bolzan, presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e membro do Conselho Missionário Nacional (COMINA) e irmã Neiva Sampaio, assessora para o encontro específico sobre a missão "ad gentes". Os participantes refletiram sobre a ideia da criação de um organismo missionário nacional. A equipe recuperou a memória recente da preocupação da Igreja com a missão além-fronteiras geográficas e suas exigências conseqüentes, por meio de textos de outras reuniões ou

documentos do Magistério da Igreja. A proposta de um projeto missão “além-fronteiras” gerou projetos concretos como o do Sul 2 (Moçambique), o do Nordeste 4 e 5 (Moçambique), de Campo Grande (Bolívia) e recentemente o projeto de solidariedade entre as Igrejas do Brasil e Timor Leste. Decidiu-se que na Assembléia do COMINA, em fevereiro de 2004, o tema voltará com propostas concretas.

Branco e discriminação



A partir de 2004, a Educafro, começa a ter um grande número de alunos/as se formando nas universidades. Preocupados com a discriminação no mercado de trabalho, alunos de 126 núcleos da rede de Pré-vestibulares da Educafro/SP discutiram, em sala de aula, a discriminação no Brasil. Os bancos foram apresentados por eles como uma das instituições que mais danos provocam à

diversidade étnica brasileira com discriminações, como:

1 - Número insuficiente de negros/as como funcionários. Falta de um programa que respeite a “diversidade na contratação”. Numericamente, São Paulo é a cidade com maior número de negros de todo Brasil;

2 - Grande número de negros/as e pobres são barrados em portas eletrônicas, causando humilhação;

3 - Juros exorbitantes nos empréstimos aos pobres, sacrificando os trabalhadores;

4 - Nas peças publicitárias, não é respeitada a proporcionalidade de negros/as presentes na sociedade.

Conclamamos a Federação dos Bancos a discutir com todos os bancos uma mudança de atitude. Se mudarem, o Brasil todo vencerá! Que os bancos em solo brasileiro, respeitem e valorizem a riqueza étnica plural presente no Brasil.

E-mail:

educafro@franciscanos.org.br
 Site: *HYPERLINK http://www.sefras.org.br/pr_educacao*
www.sefras.org.br/pr_educacao
 Sede Nacional - São Paulo: R. Riachuelo, 342 - sala 05 - Centro - CEP 01007-000 - São Paulo, SP - Fone/fax: (11)3106-3411.
 Regional Rio: Praça Tiradentes, 73 - Centro - CEP 20060-070 - Rio de Janeiro, RJ - Fone: (21)2222-2062

**ASSINE A REVISTA
 AVE MARIA
 0800 555 021**



A IGREJA NO MUNDO • Notícias	4
PALAVRA DO PAPA • Pela paz no mundo	6
FÉ E CIDADANIA • Feliz Ano-Novo Frei Betto	7
• “Depende de nós...” Luís Erlin	8
• Nobel da Paz para uma iraniana! João Batista Libânio	9
• Globalização e religião Pe. Zezinho, scj	10
RELIGIÕES • Criação: ação e paixão Maria Clara Lucchetti Bingemer	11
REFLEXÃO BÍBLICA • Lições perenes Elias Leite	12
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Madre Leônia	14
EDUCAÇÃO • Autonomia e dependência: perspectiva da complexidade humana Izabel Petraglia	16
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR • Senhora da Embaixada Roque Vicente Beraldi	19
ALCOOLISMO • A mulher que bebe Pe. Manoel Dias de Oliveira	20
A PALAVRA É... • Incenso - Epifania Luís Erlin	23
HISTÓRIA DA IGREJA • A Igreja Católica nunca falou assim... José Maria Vigil	24
LITURGIA DA PALAVRA • De 1º a 22 de fevereiro Adelino Dias Coelho	26
MEU LAR • Por que você não é igual a?... Wimer Botura Jr.	31
CULINÁRIA • Vamos cozinhar?! Yvonne Barros Oliveira	32
TURMA DA MAÍRA Tina Glória	33

Pela paz no mundo

Para encerrar, solenemente, o Ano do Rosário — proclamado em outubro de 2002 — na manhã do dia 7 de outubro próximo passado, o Santo Padre visitou o Santuário da Bem-Aventurada Virgem Maria do Rosário, em Pompéia, Itália. Depois da recitação do Santo Rosário pela paz no mundo inteiro, João Paulo II pronunciou um discurso, do qual extraímos o trecho inicial:

"Caríssimos Irmãos e Irmãs! A Virgem Santa concedeu-me voltar a honrá-la, neste Santuário, lugar que a Providência inspirou ao Beato Bartolo Longo para que fosse um centro de irradiação do Santo Rosário. A visita de hoje coroa, num certo sentido, o Ano do Rosário. Agradeço ao Senhor os frutos deste Ano, que produziu um significativo despertar desta oração, ao mesmo tempo simples e profunda, que atinge o coração da fé cristã e se mostra muito atual diante dos desafios do terceiro milênio e ao compromisso urgente da nova evangelização.

Em Pompéia, esta atualidade é evidenciada, de modo particular, por esta antiga cidade romana, sepultada debaixo das cinzas do Vesúvio, no ano 79 depois de Cristo. Aquelas ruínas falam. Elas fazem a pergunta decisiva sobre qual seja o destino do homem. São testemunho de uma grande cultura, da qual, contudo, realçam, juntamente com as respostas luminosas, também interrogações preocupantes. A cidade mariana surge no centro dessas indagações, propondo Cristo ressuscitado como resposta, como "evangelho" que salva.

Hoje, como nos tempos da antiga

Pompéia, é necessário anunciar Cristo a uma sociedade que se vai afastando dos valores cristãos e perde, inclusive, sua memória. Agradeço às Autoridades italianas por terem contribuído para a organização desta minha peregrinação, que começou na antiga cidade. Assim, percorri a ponte ideal de um diálogo sem dúvida fecundo para o crescimento cultural e espiritual. Tendo como fundo a antiga Pompéia, a proposta do Rosário adquire o valor simbólico de um renovado impulso do anúncio cristão no nosso tempo.

O que é, de fato, o Rosário? Um compêndio do Evangelho. Ele nos faz voltar, continuamente, aos cenários principais da vida de Cristo, como que para nos fazer "respirar" o seu mistério. O Rosário é o caminho privilegiado de contemplação. É, por assim dizer, o caminho de Maria. Quem, melhor do que ela, conhece Cristo e o ama?

Disto estava persuadido o Beato Bartolo Longo, apóstolo do Rosário, que prestou especial atenção precisamente ao caráter contemplativo e cristológico do Rosário. Graças ao Beato, Pompéia tornou-se um centro internacional de espiritualidade do Rosário.

Quis que esta peregrinação tivesse o sentido de uma súplica pela paz. Meditamos os mistérios da luz, quase que para projetar a luz de Cristo sobre os conflitos, as tensões e os dramas dos cinco Continentes. Na Carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (Rosário da

Virgem Maria), expliquei por que motivo o Rosário é uma oração orientada, por sua natureza, para a paz. E isto não só porque nos faz invocar a paz, fortalecidos pela intercessão de Maria, mas também porque nos faz assimilar, com o mistério de Jesus, também o seu projeto de paz. Ao mesmo tempo, com o ritmo sereno da repetição da Ave Maria, o Rosário tranqüiliza a nossa alma e abre-a à graça que salva.



O convite ao Rosário que se eleva de Pompéia, encruzilhada de pessoas de todas as culturas, atraídas tanto pelo Santuário como pelo lugar arqueológico, recorda também o compromisso dos cristãos, em colaboração com todos os homens de boa vontade, a serem construtores e testemunhas de paz. A sociedade civil, aqui representada por autoridades e personalidades que saúdo cordialmente, acolha cada vez mais esta mensagem...

"... a Virgem do Santo Rosário nos abençoe..." "Ao seu coração de mãe confiamos as nossas preocupações e os nossos propósitos de bem".

João Paulo II

FELIZ Ano-Novo

Frei Betto

Desejo um Feliz Ano-Novo onde, se Deus quiser, todas as crianças, ao ligarem a tevê, recebam um banho de Mozart, Pixinguinha e Noel Rosa; aprendam a diferença entre impressionistas e expressionistas; vejam espetáculos que reconstituam a Balaiada, a Confederação do Equador e a Guerra dos Emboabas; e durmam, após fazer suas orações.

Quero um Ano-Novo em que, no campo, todos tenham seu pedaço de terra, onde vicejem laranjas e alfaces. E, na cidade, um teto sob o qual reluzo o fogo de panelas cheias.

Desejo um Ano-Novo em que os sonhos libertários sejam tão fortes que os jovens, com o coração a pulsar ideais, não recorram à química das drogas e não temam o futuro. Sejam, todos eles, viciados em utopia.

Quero um Ano-Novo em que a cada um seja assegurado o direito do emprego, a honra do salário digno, as condições humanas de trabalho e a alegria da vocação. Um novo ano capaz de saciar a nossa fome de pão e de beleza.

Rogo por um Ano-Novo sem políticos mentirosos, autoridades arrogantes, funcionários corruptos, bajuladores. Livre de arroubos infantis, seja a política a multiplicação dos pães sem milagres, dever de uns e direito de todos.

Desejo um Ano-Novo em que o novo governo coloque o País nos eixos, livre a população do pesado tributo da degradação social, e tome no colo milhões de crianças precocemente condenadas ao trabalho.

Espero um Ano-Novo em que se apresentem alternativas para que nunca mais um ser humano se sinta ameaçado pela miséria ou privado de pão, paz e prazer.

Um Ano-Novo em que a competitividade



Foto: Avelino S. de Gódy

Desejo um Ano-Novo em que os sonhos libertários sejam tão fortes que os jovens, com o coração a pulsar ideais, não recorram à química das drogas e não temam o futuro. Sejam, todos eles, viciados em utopia.

ceda lugar à solidariedade; a acumulação à partilha; a ambição à meditação; a agressão ao respeito; a idolatria ao dinheiro ao espírito das Bem-aventuranças. Um Ano-Novo que seja o último da Era da Fome.

Frei Betto é escritor, autor de "Entre todos os homens" (Ática), entre outros livros.

PERFIL DO VOLUNTARIADO BRASILEIRO

- 10% estão envolvidos com algum trabalho voluntário ou já participaram dele
- 81% nunca participaram
- 9% não sabem ou não opinaram
- 56% são mulheres
- 44% são homens
- 44% têm 40 anos ou mais
- 29% têm entre 25 e 39 anos
- 12% têm entre 20 e 24 anos
- 15% têm entre 10 e 19 anos
- 36% são da classe D
- 33% da classe C
- 19% da classe B
- 12% da classe A

O Instituto Brasileiro de Opinião Pública, IBOPE, ouviu 7.700 pessoas, em nove municípios, com idade acima de 10 anos, de 3 a 9/8/01, sobre o assunto.

“Depende de nós...”

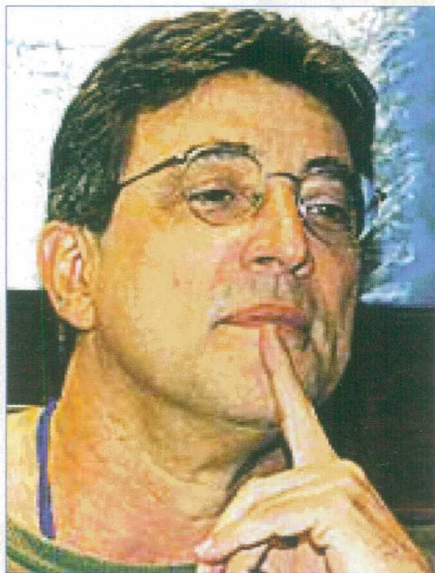
Vi, então, um novo céu, e uma nova terra...

“Eis que renovo todas as coisas” (Ap 21,1.5).

“**D**aqui para frente, tudo vai ser diferente.”

No início de cada ano, repetimos essa frase, assumindo uma postura de mudança, aspiramos à novidade no novo ano que nasce. O desejo de refazer planos, traçar projetos, corrigir, reestruturar invade nossa vida. Acreditamos que a transformação é possível: vou ser melhor, dedicarei mais tempo para a convivência familiar, brincarei com meus filhos, viajarei, vou fazer aquele regime – preciso emagrecer, farei exercícios, farei um trabalho voluntário, rezarei mais, não me preocuparei tanto com besteiras, visitarei parentes e amigos...

Quantas vezes já fizemos esses planos? E dissemos: “tudo, tudo vai ser diferente”. Já na segunda quinzena de janeiro, os nossos



Ivan Lins, canta: “depende de nós...”

planos são recolhidos, dobrados e guardados numa caixinha dentro do armário.

Uma certa frustração nos toma: estou sendo o mesmo, nada mudou, continuo engordando, não tenho tempo para me dedicar à família, continuo fazendo um sinal-da-cruz rápido, antes de dormir, ainda não visitei ninguém, não saí para passear, não comecei a ler aquele livro...

O que acontece conosco?

Seria a transformação impossível? Nossos sonhos seriam inatingíveis? Ou nossa perseverança é insuficiente?

Observando a vida das pessoas que nos circundam e até a nossa, vemos que nós, os humanos, temos por graça uma força incrível. Quando tudo parece perdido... ainda conseguimos levantar a cabeça e dizer: “vou sair dessa”. Essa força está em nós. Por grandes transformações já passamos, basta rever nossas histórias.

A mudança, então, é possível. A força nós temos, o que falta não é a esperança nem a boa vontade, isso temos de sobra... falta-nos a perseverança, a paciência, a sabedoria de saber que o caminho se faz caminhando, como diz o poeta.

Ivan Lins, canta: “depende de nós...”. Isso é verdade. De nada adianta, sentar no banco da igreja e pedir em oração: “mudai meu ser, fazei com que eu seja feliz, dai-me uma casa nova, acabai com a fome do mundo...” sair dali e continuar minha vidinha de pacífica espera.



Possibilidade de mudança está em nós, força de transformação já temos.

Essas coisas não se podem esperar exclusivamente de Deus, conquistam-se com trabalho, dedicação e muita perseverança. Depende de nós, mais que de Deus.

Paulo, em sua sabedoria, escreve na Carta aos Efésios, uma alocução a todos os cristãos: *Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho (...). Renovai sem cessar o sentimento da vossa alma, e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade (4,22-23).*

A possibilidade de mudança está em nós, a força de transformação já temos. O que estamos esperando?

Acreditemos que tudo será diferente, tiremos de dentro do armário nossos sonhos, e trabalhemos juntos para que o Reino de justiça, de vida em abundância, e de felicidade se faça hoje... com nossas mãos, podemos construir um novo mundo.

Elaborado por Luís Erlin, cmf.

Nobel da Paz para uma iraniana!

J. B. Libânio



guerra. Por isso, foi com imenso alívio e alegria que o mundo recebeu a escolha de Shirin Ebadi. Mulher que lutou pela melhoria da situação das mulheres e crianças no Irã. Foi uma das primeiras mulheres a ocupar o cargo de juiz naquele país. Só isso já era um bom presságio. E o fez com destemor e grandeza.



Nada tão adequado para o início de um ano do que pensar na paz. Anseio de todas as pessoas de sensibilidade humana. Cada ano, atribui-se um prêmio Nobel da Paz a alguma pessoa que dedicou a vida a causas humanitárias. É uma consagração e reconhecimento internacional de sua missão. Coube, no ano passado, a uma juíza iraniana, ativista dos direitos humanos, recebê-lo. Ela disputou com 164 candidatos. Além de fazê-lo com pessoas extremamente dignas, como o papa João Paulo II, o presidente Lula e outras pessoas de grandeza humana, constavam da lista os nomes do presidente dos EUA e do primeiro ministro inglês, os protagonistas principais da guerra contra o Iraque. Teve-se, um momento, que o Prêmio da Paz se convertesse numa paródia, numa cena antes burlesca do que num gesto de um tribunal isento e digno. Seria terrível ironia de mau gosto confiar o Prêmio da Paz aos fautores da

Depois da revolução islâmica no Irã, ela foi forçada a abandonar esse cargo. Como advogada, juíza, escritora e ativista, defendeu, de modo claro e contundente, os direitos humanos no seu país e além das fronteiras, apesar das ameaças de retaliação que recebeu e continua a receber. Sabemos pela imprensa internacional a dificuldade de defender os direitos da mulher, da criança em países que assumiram uma interpretação rígida e fundamentalista da religião muçulmana.

Ebadi propugna uma reforma do islamismo a fim de que ele assuma os princípios fundamentais de uma convivência democrática, da liberdade religiosa e de expressão. Não se trata de defender o regime democrático ocidental, que vem sendo carcomido por vícios e por uma barbárie interior, mas de ir ao encontro das raízes da cultura humanista, que, embora tenha muitas raízes no Ocidente grego, judaico e cristão, não se confunde com ele e responde a anseios humanos universais.

O diretor do Comité do Prêmio

Nobel na Noruega, Ole Danbolt Mjoes, declarou ser “um prazer para o Comité premiar com o Nobel da Paz uma mulher que é parte do mundo muçulmano e de quem aquele mundo pode orgulhar-se, juntamente com todos os que lutam pelos direitos humanos onde quer que vivam”.

Vindo de outra cultura, ela torna-se modelo para as pessoas da cultura ocidental, que se gaba de ser a formuladora teórica e legal dos direitos humanos, mas que, no século passado e nos inícios deste, tem mostrado enorme cegueira e cinismo. Países do Ocidente proclamam-se paladinos de tais direitos em palavras, mas têm mostrado uma prática genocida, beligerante e criminosa e, >>>>



Globalização e religião

Pe. Zezinho, scj

Quem ainda não viu direito, tente ver. Pouco a pouco, em menos de 50 anos, as grandes indústrias de alimentos, roupas, carros, aviões e espetáculo tomaram conta de todos os países do mundo e quase todo mundo está bebendo, comendo, falando, dançando, cantando, vestindo-se e vivendo como o grande irmão do Norte.

Quem detém as patentes, o dinheiro e o poder de persuadir, criou, com alguns parceiros, um mundo no qual vão desaparecendo costumes de falar, pensar, vestir, comer e tudo fica cada dia mais parecido com o que os irmãos do Norte fazem. Nem as tradições e os folclores nacionais aparecem no vídeo. Vemos mais histórias de lá do que daqui.

É por isso que a música que ouvimos tem o jeito deles, seus ídolos são os nossos, nossos lanches, sanduíches e até bebidas vieram deles. Por todas as cidades, espalham-se lojas, lojinhas e até oficinas com nomes estrangeiros. No meu bairro, há pelo menos umas 50 com nome que nem o dono consegue pronunciar.



Globalização é isso: todo mundo, concordando ou não, faz como os sete irmãos do Norte — toma emprestado deles e paga a eles para ficar como eles. Eles determinam os preços e nos vendem caro. E, quando compram de nós, compram mais barato. E, se tentamos vender mais, eles nos boicotam. A força está com eles...

Queríamos uma religião universal onde todos orassem do mesmo jeito. Nenhuma religião conseguiu. Ao que tudo indica, os que queriam uma economia universal, onde todos comem, bebem e se vestem do mesmo jeito, estão conseguindo. A nova religião chama-se neo-liberalismo, o individualismo é o dogma, a submissão ao lucro uma doutrina inquestionável e o domínio sobre todas as economias o sinal claro de que há uma nova roma e uma nova meca, no hemisfério

norte. O dinheiro sempre foi um deus. Só que, agora, ele tem um credo, não poucas vezes abençoado por igrejas também pragmáticas, que garante prosperidade e sucesso num reino dos céus, aqui, agora, já. Ouça e confira!

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

>>>> muitas vezes, acusando os muçulmanos de serem eles os redutos do terrorismo. Certos círculos militares de países ocidentais são a pior sede do terrorismo mundial.

Ebadi é fundadora e líder da Associação de Apoio aos Direitos das Crianças. É autora de diversos livros sobre a temática dos direitos humanos. Como juíza, defendeu familiares de escritores e intelectuais assassinados, entre 1999 e 2000. Mulher de muita coragem que arriscou a vida em tal empenho.

É a primeira vez que o Prêmio Nobel é concedido a um cidadão ira-

niano. É a décima primeira mulher a obtê-lo, desde que o Prêmio foi criado em 1901. Na sua modéstia, esta mulher de 56 anos se sentiu perplexa diante de tal escolha. A grandeza das pessoas mostra-se pela simplicidade e humildade a ponto de nunca se imaginarem na ponta da história, embora o estejam.

A nossa esperança e sonhos vão na direção de que este gesto de enorme reconhecimento mundial pela ação dessa juíza corajosa ajude o Irã, o mundo islâmico e todos os países a trilharemos os caminhos de um estado de direito. Essa outorga faz lembrar o

fato da escolha do argentino Esquivel que se tinha tornado paladino dos direitos humanos, em seu país, nos escuros anos da repressão militar. Há uma semelhança entre esses dois personagens. Figuras de liberdade luminosa em regimes obscurantistas. Que sua luz brilhe também entre nós para que o judiciário brasileiro aí se espelhe e assuma postura de justiça e coragem, em momentos de tanta suspeita contra ele por conivência e corrupção!

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Criação: ação e paixão

Maria Clara Lucchetti Bingemer

A palavra criadora de Deus é, na *Bíblia*, elemento constitutivo da natureza na sua origem e atividade. E o cosmos, ou mundo criado, é fonte de sua revelação. É Deus quem faz existir, dirá a Escritura. É ele quem chama as coisas de onde não são para que sejam. E o faz por sua palavra. Deus diz e aquilo é feito, do nada. E somente ele é capaz de criar, a partir do nada, tudo o que existe.

Deus cria, porém, colocando ordem no criado. Sua Palavra estrutura o caos. E dialoga com a criatura humana com imenso respeito. Tudo isto numa ausência absoluta de violência, numa espécie de doçura fundante, que será sustentáculo para o desenrolar de toda a pedagogia divina com o povo eleito e que nas Escrituras cristãs culminará no Sermão da Montanha, quando será proclamada a perfeição do Pai que faz brilhar seu sol sobre bons e maus e sua chuva sobre justos e injustos.

Neste criar no tempo, “no princípio”, o relato bíblico não sonha em opor à eternidade de Deus a eternidade do mundo criado. Somente Deus é princípio e começo de tudo que existe e o mundo vem depois, ainda que não se possa estabelecer datas cronológicas para essa posterioridade do criado. Esse “começo”, essa “origem sem origem” que só encontra sua fonte no mistério inefável, que Jesus Cristo chamou de Pai, é incompreensível sem um “fim”. Mas este fim, sem o qual o mundo perderia seu dinamismo, nos é radicalmente desconhecido. Este desconhecimento nos impede de buscá-lo entre os fenômenos deste mundo e mesmo nas diversas ciências.

O esforço que vem fazendo a teologia cristã, nos últimos tempos, para

O que está em jogo na questão ecológica é muito mais que um novo tema a ser refletido e trabalhado. Está em jogo o futuro mesmo das relações homem-natureza-Deus, ou seja, o futuro da vida sobre a terra e do próprio conceito de Deus que é central para o cristianismo: Deus Pai, autor da vida, criador e salvador.

muito mais que um novo tema a ser refletido e trabalhado. Está em jogo o futuro mesmo das relações homem-natureza-Deus, ou seja, o futuro da vida sobre a terra e do próprio conceito de Deus que é central para o cristianismo: Deus Pai, autor da vida, criador e salvador.

Resgatar a relação harmônica entre ser humano e cosmos exorciza a suspeita de uma concepção de humanidade, equivocadamente individualista, aliada a um determinismo econômico e tecnológico onipotentes; a visão do homem separado da natureza, vendo nesta uma inimiga a ser conquistada e destruída, impunemente, em nome de um equivocado progresso; a luta do homem pela vida transformada em ameaçador instinto de morte que pesa sobre todas as outras

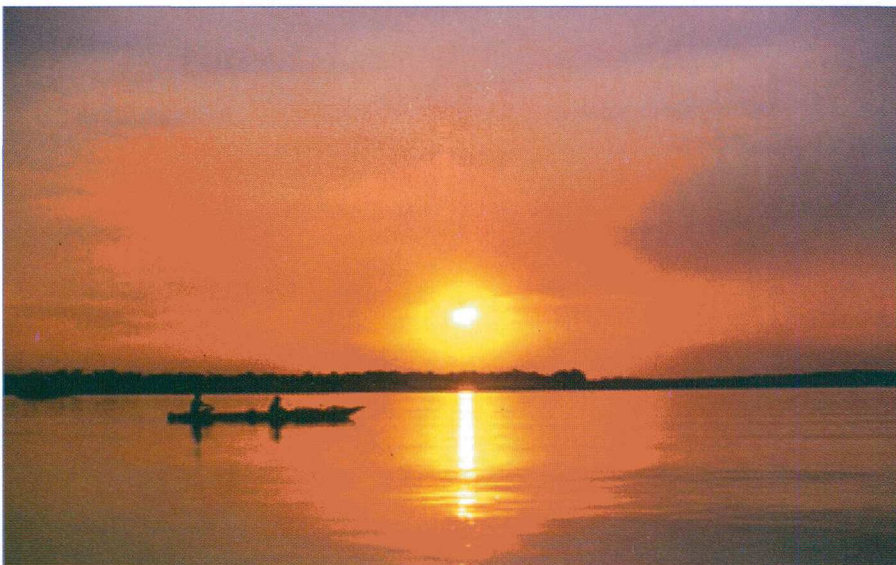


Foto: Silvio Vinice Esgallina

debruçar-se sobre a problemática da ecologia e da relação do ser humano com a totalidade da criação denota uma tomada de consciência. O que está em jogo na questão ecológica é

formas de vida. O risco disso é banir da vida a noção tão presente para os antigos de ver o cosmos como uma epifania, ou seja, como a manifestação de um mistério, que pede reve-

Lições perenes

Elias Leite

rência e respeito para quem dele se aproxima.

Contemplar o mistério do cosmos, porém, não é distração ética, feita apenas de lazer e tranquilidade estéticas, mas despertar da preocupação ética primeira, que consiste em dar ou restituir ao homem e à mulher despossuídos e espoliados o cosmos que é seu lugar. E essa restituição se dá sob a forma da matéria à qual o ser humano tem um direito assegurado pelo próprio Deus. Toma, então, a forma da “devolução” do pão ao faminto, do teto ao desabrigado, da água ao sedento, etc., não sendo isso nada mais que restituir um pedaço do cosmos àquele ou àquela que dele foi desprovido. Esse gesto ético restituidor é, dentro da lógica cristã, o gesto redentor e salvador primeiro e fundamental.

Lugar da ética e do agir moral, a criação é no entanto também lugar do patético, do padecido, da vulnerabilidade afetada. Se algo há a restituir, esse algo é sintoma de perda, de carência, de sofrimento pela necessidade agredida. E essa perda inscreve, necessariamente no cosmos a marca do pátos (sofrimento). A utilização desordenada dos recursos da natureza fazem sofrer tanto ao ser humano como à própria natureza, conclamando, portanto, à solidariedade, à partilha, à reconciliação, na sua dimensão maior.

Lugar de experiência da paternidade divina, o cosmos é, então, não apenas interpelação ética, mas também receptividade que prova e é provada, espaço de paixão e compaixão.



Maria Clara L. Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coord. do Centro Loyola de Fé e Cultura. www.users.rdc.puc-rio.br/agape

Fala o Livro dos Atos dos Apóstolos de um certo Cornélio. Pois bem. Cornélio não era professor. Era um oficial do exército romano. Homem importante, por sinal. Além do mais, a referência nos Atos, diz ser, ainda, um homem religioso e temente a Deus com toda a sua casa. Uma família pagã, mas agraciada pelo Criador a quem ele adorava. E, de quebra, dava esmolas e ajudava aos judeus pobres e orava sempre a Deus (At 10,1-2). Agora, entra aqui a surpresa...

Um dia, lá pelas três da tarde, Cornélio teve uma visão. Viu, bem claro, um mensageiro de Deus surgir à sua frente e chamá-lo: *Cornélio!* Tomado pelo temor, ele olhou bem para o anjo e perguntou: *O que desejas, senhor!* O anjo respondeu: *Deus aceitou as tuas orações e o que tens feito pelos pobres, e se lembrou de ti. Agora, envia alguns dos homens a Jope e manda chamar um homem de nome Simão, conhecido como Pedro. Ele está hospedado na casa de Simão, um curtidor de peles, perto do mar.*

Dado o recado, o anjo retirou-se.

Cornélio chamou logo dois funcionários e um soldado. Esse soldado era muito religioso e dedicado. Cornélio explicou-lhes tudo e os mandou a Jope.

Agora, entra o outro lado. No dia seguinte, os mensageiros, ainda a caminho, quando foi meio-dia, estando Pedro no terraço, fazendo oração, sentiu fome e quis comer. Lá embaixo, estavam preparando o almoço.

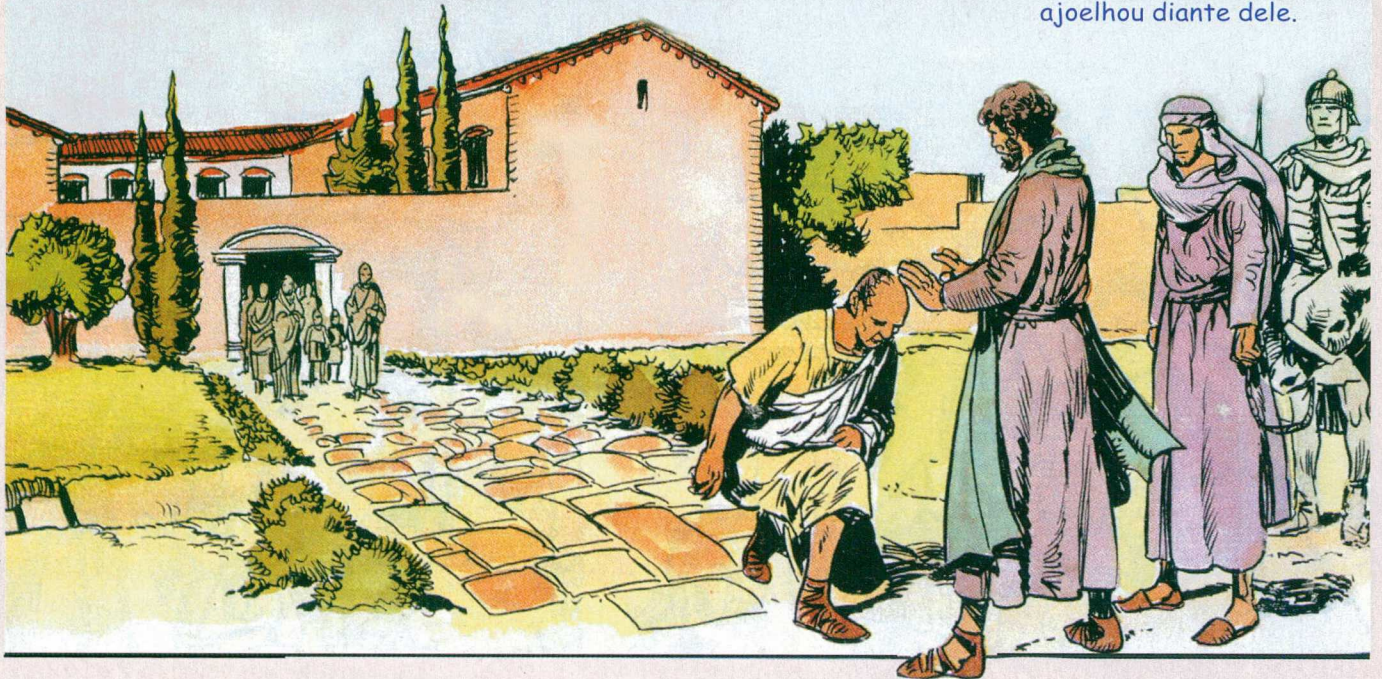
Foi quando Pedro, como fora de si, teve uma visão. Visão bem diferente daquela que o cheiro vindo da cozinha despertava, àquela hora. *Viu o céu aberto, e descendo até ele, uma grande toalha suspensa pelos quatro cantos, formando um embrulho, que, chegando ao chão, abre-se. Aparece grande quantidade de animais, aves e répteis, uma raridade. Nada, porém, daquilo era permitido comer, pela lei dos judeus. Sério problema para Pedro, com a fome que estava. Bem estranha a oferta! E, por cima, a ordem: *Levanta-te Pedro, mata e come!**

O velho judeu que morava dentro dele retrucou: *De jeito nenhum, Senhor! Nunca comi coisa profana ou impura!*

A mesma voz, porém, o repreendeu de imediato: *Não chames de impuro o que Deus purificou!* E isso tinha tanta importância que foi repetido por três vezes.

A toalha com o embrulho foram recolhidos, misteriosamente, para o céu. Pedro, atordoado, teve pouco tempo para refletir sobre tudo aquilo. Porque, pouco depois, chegava à porta da casa a caravana enviada por Cornélio.

Quando já estavam chegando à casa, Cornélio correu à frente de Pedro e se ajoelhou diante dele.



Bateram à porta. Foram recebidos com a maior atenção. E alguém perguntou se era ali que se encontrava hospedado Simão Pedro.

Naquele momento, Pedro ainda estava refletindo sobre a visão, quando o Espírito do Senhor adiantou-lhe a notícia: *Estão aí três homens à tua procura. Levanta-te e vai ter com eles, sem hesitar, pois fui eu quem os mandou aqui.*

Pedro desceu ao encontro dos homens, cumprimentou-os e perguntou-lhes o motivo da vinda deles. Disseram: *Foi o comandante Cornélio que nos enviou. Ele é um homem bom, temente a Deus, muito respeitado por todos os judeus. Um anjo, numa visão, disse-lhe que convidasse você para chegar até à casa e que ele ouvisse o que você tem a dizer-lhe.* Então, Pedro convidou-os a entrar e ali eles pernoitaram.

No dia seguinte bem cedo, Pedro partiu com eles, levando alguns irmãos que moravam em Jope. Chegaram à cidade de Cesaréia, no outro dia, e foram recebidos por Cornélio com seus parentes e alguns amigos. Ao se cumprimentarem, Cornélio ajoelhou-se e se inclinou diante de Pedro. Mas, Pedro ergueu-o, dizendo: *Fique em pé. Pois eu sou apenas um homem como você.*

A seguir, Pedro se apresentou e foi-lhe explicando que, sendo eles judeus, sua religião não permitia que fizessem amizade com os não-judeus ou entrassem em casa deles. Mas que Deus lhe havia mostrado que não devia considerar ninguém indigno ou impuro. Por isso, quando foi chamado a vir, acudiu logo e de bom grado.

E que só desejava saber era para que o mandara chamar.

Então, Pedro tomou a palavra e narrou-lhe, detalhadamente, toda a visão que tivera ali, na casa de Simão, o curtidor de peles, e passou a falar-lhe de Jesus Cristo, resumindo a história de sua missão divina. Uma verdadeira catequese batismal. Ao terminar, todos sentiram descer sobre eles o Espírito Santo. Sobre judeus e não-judeus.

Foi aí que Pedro, como pontífice, declarou abertamente, para admiração e louvor de todos: *“Esta gente acaba de receber o Espírito Santo como nós também recebemos. Será que alguém vai proibir que eles sejam batizados com água?”* E mandou que todos fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Eles pediram a Pedro que ficasse mais alguns dias com eles.

E, agora, a lição provocada pelo comandante romano Cornélio, ministrada por Pedro, o primeiro papa, exatamente a mesma, mudadas as circunstâncias, do atual venerando pontífice João Paulo II, nos seus 25 anos de pontificado, com suas 102 viagens a mais de 130 países de cristãos e não-cristãos, buscando a unidade e a paz entre os povos. Apóstolo sucedâneo de Pedro, lembrou ao mundo o que Pedro havia dito: *“De fato estou compreendendo que Deus não faz distinção entre pessoas, seja qual for a raça delas. Pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, qualquer que seja a nação a que pertença”* (At 10,1-48).

Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Madre Leônia

Madre Leônia - Fundadora da Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret (1913-1980)



Madre Leônia Milito nasceu, em Sapri, Itália, no dia 23 de junho de 1913. Com 16 anos, ingressou na Ação Católica e, depois de um longo processo de discernimento, decidiu seguir Jesus, ingressando na vida religiosa, no dia 18 de junho de 1935.

Desejosa de anunciar o Evangelho, como filha amorosa da Igreja, em 1954, por determinação de seus superiores, veio ao Brasil, mais precisamente para o interior de São Paulo, tendo como missão a coordenação do grupo de irmãs, que lá residiam.

O amor à missão e aos pobres, sua dedicação às vocações, e, sobretudo, sua disponibilidade para viver o projeto de Deus, fez com que, no dia 19 de março de 1958, na cidade de Londrina - Paraná, juntamente com dom Geraldo Fernandes, iniciasse uma

nova família religiosa, denominada Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, que tem como finalidade primordial o anúncio do Evangelho e o serviço da caridade.

Sua ação missionária não conheceu fronteiras. Difundiu a Congregação nos cinco continentes e em vários estados do Brasil. Madre Leônia afirma, em seus escritos espirituais: "Depois de nos ter criado, o Senhor nos transformou em amigos". No dia 22 de julho de 1980, voltou para a Casa do Pai. Para ela, santidade é amor. Foi assim que esta serva de Deus consumiu a sua vida, iluminando e servindo, na bondade e na alegria.

Causa de beatificação

Em março de 1998, na Arquidiocese de Londrina, deu-se a abertura da causa de beatificação e canonização de Madre Leônia por d. Albano Bortoletto Cavallin, arcebispo de Londrina.

O tribunal para a instrução do processo ouviu e transcreveu depoimentos de muitas pessoas que conheceram Madre Leônia.

O juiz delegado, pe. Oswair Chiozini, atual Superior Provincial da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, assim escreveu sobre Madre Leônia:

"Mulher forte, ousada e audaciosa! Às vezes, perguntam-me se a Madre Leônia é santa mesmo. A pergun-

ta é bastante vaga e a resposta não é fácil de se encontrar, pois, como sabemos, para ser santo ou santa é preciso colocar em prática o primeiro e maior de todos os mandamentos, o do amor. E sabemos, por própria experiência, que não é fácil amar como Jesus nos amou. Já ouvimos tantas definições de amor, como por exemplo: amar é fazer o outro feliz; amar é pensar no outro antes de tudo e de todos; amar é colocar o outro no lugar dos próprios interesses; amar é fazer o que é difícil ou o que outros não fazem; amar é ir aonde é difícil chegar ou aonde outros não vão; e podemos colocar um longo *et cetera*.

Madre Leônia traz o nome de Maria como nome de batismo. Em Maria, espelhou-se na sua formação cristã. Na Maria do Evangelho, na humilde serva do Senhor, na Maria que nos trouxe Jesus, a palavra do Pai. Na Maria que nos indicou Jesus, quando disse: *fazei o que ele vos disser*. Na Maria que, antes de falar, colocou em prática. Na Maria que mais nos ensina com seu exemplo, mais com seu testemunho, que com suas palavras.

Maria Milito, mudou de nome, quando entrou na vida religiosa. Não sei, mas em minha mente, imagino Maria adotando o nome de Leônia para afirmar com mais força a mulher forte que deveria ser para poder amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como Jesus nos amou, até o extremo, com todas as suas forças, com toda sua alma, com todo o seu ser. Inteiramente nas mãos de Deus para cumprir com toda fidelidade sua santa vontade, como Maria, a mãe de Jesus.

Ideal missionário

Um elemento que sempre me chamou a atenção na Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret foi o ideal missionário. Já nos primeiros anos de sua existência, podemos dizer assim, já se espalhara pelo mundo, já havia saltado as fronteiras do estado, do país, colocando em prática o mandato de Jesus: *ide pelo mundo inteiro anunciar a Boa Nova do reino*.

Madre Leônia cultivava em seu coração este ideal missionário, isto é, ir mais além, ir para onde outros não vão, fazer o que os outros não fazem, sonhar, e colocar-se nas mãos de Deus para o que desse e viesse. Assim como o fizeram os Apóstolos, ao terem ouvido o chamado de Jesus: *vinde e segui-me*, deixaram tudo, barca, redes, casa, e o seguiram, sem saber o que viria pela frente. Seguir Jesus, o missionário do Pai, era o ideal que Leônia levava em seu coração. Com alegria, colocou-se à disposição de suas superiores para ser missionária no Brasil, com muita alegria e muita bondade, juntamente com suas coirmãs, arregaçou as mangas e colocou-se a serviço do Reino, nas mais variadas obras de misericórdia. Antes de pensar em si mesma, pensou nos velhinhos, nas crianças, nos desamparados, nos es-

quecidos da sociedade, nos marginalizados, nos grupos de jovens, na formação humana e cristã dos mais necessitados, dos que estavam esperando alguém que lhes desse uma mão para poderem estar de pé como gente, como pessoas que são, como filhos do mesmo Pai, criadas à sua imagem e semelhança.

Ser missionário é seguir Jesus, ser religioso consagrado é seguir Jesus em sua radicalidade evangélica, é adotar o mesmo estilo de vida que Jesus escolheu para si mesmo, viver em virgindade, em pobreza e em obediência. Ser missionário é seguir Jesus nos momentos de satisfação, de alegria, como os Apóstolos que voltaram da missão que Jesus lhes havia confiado e lhe contavam o que tinham realizado em nome dele. Ser missionário é seguir Jesus também nos momentos difíceis, nos momentos de abandono, de perseguição, de condenação injusta, de morte e cruz.

Busca de apoio

Madre Leônia também passou por esses momentos, no seguimento de Jesus, e sempre procurando, nas suas noites escuras, a santa vontade de Deus, sem esconder nada, abertamente, em oração e na procura de membros da Igreja que pudessem ajudá-la naquele difícil discernimento. Entre esses personagens, Leônia encontrou d. Geraldo Fernandes, missionário claretiano, que lhe deu muito apoio, muitos elementos para encontrar a vontade do Pai quanto ao seu futuro e ao do



Madre Leônia em sua última viagem a Europa, audiência com o Papa João Paulo II.

grupo de Irmãs que estavam com ela.

O ideal missionário de Leônia se encontrou com o de d. Geraldo e aí está a obra que Deus quis que existisse em sua Igreja, a Instituição, as Irmãs que lhe pertencem e tantas obras de misericórdia que saem das mãos desses abençoados e generosos corações que, antes de tudo, pensam em fazer o outro feliz.

Leônia procurou e encontrou a vontade do seu Senhor e não guardou para si o tesouro encontrado, soube partilhar com outros e outras a grande alegria de estar construindo o Reino de Deus no serviço dos mais pequeninos, dos mais pobres, dos enfermos, dos abandonados, dos desamparados, dos marginalizados, daqueles que, para a sociedade de consumo, não contam.

Leônia soube colocar em prática o mandamento do Senhor, o mandamento do amor com muita coragem, muita ousadia e muita audácia. A todos, ela deixa um testemunho de bondade e alegria.

Quem sabe, um dia, a veremos nos altares, para que seu exemplo, seu testemunho de amor possa ser conhecido e seguido em toda a Igreja.



Capela no lugar onde Madre Leônia faleceu

Autonomia e dependência: perspectiva da complexidade humana

Izabel Petraglia

“(...) Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo. Mas tudo ou sobrou ou foi pouco, não sei qual, e eu sofri. Eu vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos. E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse (...)” (Álvaro de Campos).

A nossa civilização nos impõe a urgência de pensarmos novas alternativas diante do mundo, das relações e, portanto, das organizações. Dependemos de pensamentos e ações que determinam nossa cultura e, ao mesmo tempo, são determinados por ela. As sociedades, em sua diversidade múltipla, ditam regras e normas que são aceitas e incorporadas moralmente pelas comunidades, no intuito, cada vez mais freqüente, de adequar e unificar procedimentos e critérios,

A vida contemporânea nos coloca a possibilidade da reflexão sobre a necessidade de se adotar novas posturas e comportamentos que são influenciados, mas que também influenciam o modo de pensar.

que não apenas distinguem os povos, mas, sobretudo, aproximam os indivíduos membros de um grupo.



Foto: Eduardo Russo

A vida contemporânea nos coloca a possibilidade da reflexão sobre a necessidade de se adotar novas posturas e comportamentos que são influenciados, mas que também influenciam o modo de pensar; dito de outra forma, os pensamentos determinam as práticas, que também determinam os pensamentos, que se estabelecem e se desenvolvem nas

sociedades. Cada vez mais, a urgência e as mudanças céleres nas diversas áreas do saber nos indicam que a aprendizagem dos indivíduos está em toda parte e em todos os tempos.

Já compreendemos que é necessário mudar, criar novas alternativas e desenvolver critérios e procedimentos éticos diversificados, para sobrevivermos à barbárie. É preciso resistir e manter viva a esperança de transformação, num mundo cada vez mais excludente e violento. Aprendemos com Edgar Morin, autor da epistemologia da complexidade, que “*A resistência é o outro lado da esperança*” (MORIN, 1997, p. 62).

O indivíduo está na sociedade que está no indivíduo. A pessoa faz parte de uma comunidade, e esta faz parte da pessoa com suas normas, linguagem e cultura que, ao mesmo tempo, é produto dessa sociedade e produtora de sua manutenção e de seu *status quo*. Este é um princípio da epistemologia da complexidade que entende, que a parte está no todo assim como o todo está na parte. Cada parte, por um lado, conserva suas qualidades próprias e individuais, mas, por outro, contém a totalidade do real.

Da mesma forma, a complexidade indica que tudo se liga a tudo e, reciprocamente, numa rede relacional e interdependente. Nada está isolado no Cosmos, mas sempre em relação a algo. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é autônomo, é dependente,



uma causa, de um projeto e que vá à procura de um sentido para a vida.

Homem Complexo

Um pensamento que não é fragmentado, reducionista e linear é complexo: antagônico e complementar; é contraditório e ambivalente, mas constantemente está em transmutação. Assim também é a educação e a aprendizagem. Aprendizagem é a mudança consciente de atitude e de comportamento. Só o humano é capaz de se educar e aprender.

O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico; é simultaneamente empírico e imaginário. Vive de muitos jeitos e se apresenta de várias maneiras. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, idéias e afetividade. É um *homo complexus* (homem complexo).

Pensemos nesse sujeito que, complexo, é *sapiens* (sábio) e *demens* (“louco”) na relação consigo, com o outro e com o universo. A partir da ampliação de sua consciência de mundo e da reelaboração do pensamento, a relação de alteridade, que vê o outro como um diferente, mas por isso o respeita em sua singularidade, está presente na escola e na sociedade por meio do seu fazer. A prática se efetiva pela reflexão, num movimento circular de ação, reflexão e ação. Um momento modificando o outro e modificando a si mesmo, simultaneamente. Ninguém vive sozinho. Como dizia o grande educador brasileiro, Paulo Freire (1970), “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

numa circularidade que o singulariza e distingue simultaneamente. Como o termo latino indica: “*Complexus – o que é tecido junto*” (MORIN, 1997, p. 44).

Essa reflexão nos remete a outras duas idéias, igualmente importantes e necessárias para a compreensão da complexidade humana. A primeira trata-se de o ser humano não ser somente um ser biológico ou um ser cultural. Sua natureza é multidimensional; ele é trinitário. Faz parte da espécie do *homo sapiens* (homem sábio), é membro de uma sociedade e é um indivíduo. E a segunda idéia, é a que Morin nos alerta de que “(...) *há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo, é o fato que cada indivíduo é um sujeito*” (MORIN, 1991, p. 78).

Sujeito na concepção moriniana é mais do que indivíduo. É a pessoa que tem características individuais, que são objetivas — como por exemplo, o

O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico; é simultaneamente empírico e imaginário. Vive de muitos jeitos e se apresenta de várias maneiras. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, idéias e afetividade.

seu peso, altura, cor de olhos e cabelos, etc. — e que coloca, ao lado das suas características subjetivas — as relacionadas à sua afetividade — a favor de



EDUCAÇÃO

a pessoa sofre influência de seu meio e, simultaneamente transforma o seu ambiente.

Ainda que o indivíduo apresente semelhanças étnicas e culturais, ele tem também características químicas, sociais e do ecossistema que são peculiares. É um ser ímpar e singular. Mas, ao construir sua identidade, que pressupõe liberdade e autonomia, o homem e a mulher tornam-se sujeitos, a partir das dependências que estabelecem como, por exemplo, as da família, da escola, da linguagem, da cultura e da sociedade. Assim, autonomia e dependência são situações que caracterizam o ser humano e, ao mesmo tempo em que são antagônicas, são também complementares, necessárias e recorrentes.

BIBLIOGRAFIA

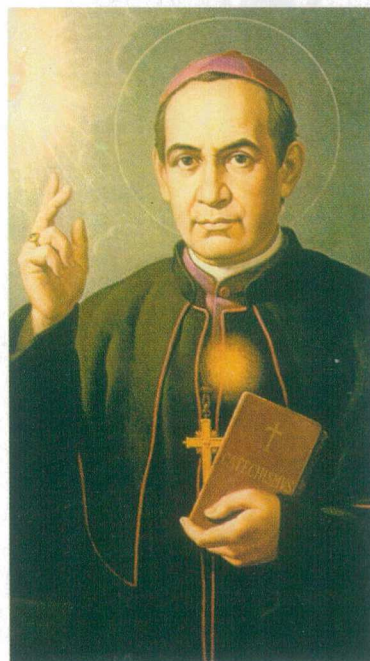
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.
- _____. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- _____. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, C. e PETRAGLIA, I. (Orgs.). Edgar Morin: *Ética, Cultura e Educação*, São Paulo, Cortez, 2001.
- PETRAGLIA, Izabel. Edgar Morin: *A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber*, 7ª. ed., Petrópolis, Vozes, 2001.

O *homo complexus* é responsável pelo processo de auto-eco-organização que se constrói na partilha e solidariedade de um tipo de pensamento que liberta porque é criativo, artístico, político, educacional e ético. No pensamento complexo, as contradições têm espaço de acolhimento sem preconceito. Opostos, diferentes e complementares que se ligam numa teia multireferencial que inclui a objetividade e a subjetividade, colocando-as no mesmo patamar de possibilidades constantes.

Uma epistemologia da complexidade incorpora não só aspectos e categorias da ciência, da filosofia e das artes, como também os diversos tipos de pensamento, sejam eles míticos, mágicos, empíricos, racionais, lógicos, numa rede relacional que faz emergir o sujeito no diálogo constante com o objeto do conhecimento. Considera a comunicação entre as diversas áreas do saber e compreende ordem, desordem e organização como fases importantes e necessárias de um processo que culmina no auto-eco-organização de todos os sistemas vivos, ou seja, ao se organizar;

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

- SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucio@mpc.com.br
- CENTRO PE. JAIME CLOTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br
- COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Maceió-AL
missaoclaret@ofm.com.br
- COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinápolis-MT
- SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pybcent@uai.com.br
- COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF

Izabel Petraglia é psicóloga e pedagoga; mestre em Educação (PUC/SP); doutora em Educação (USP) e pós-doutorada em Ciências Sociais (EHESS - Paris). É professora de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Pesquisadora da Complexidade e Transdisciplinaridade, é co-fundadora e coordenadora do NIIC - Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade, sediado no Centro Universitário Nove de Julho em São Paulo, onde é professora do Mestrado em Educação. É autora dos livros: *Interdisciplinaridade: O cultivo do professor* (São Paulo, Pioneira e EDUSF, 1993); *Edgar Morin: A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber* (Petrópolis, Vozes, 7ª. Edição, 2002); *"Olhar sobre o olhar que olha": complexidade, holística e educação* (Petrópolis, Vozes, 2001) e *Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação - organizado em parceria com Alfredo Pena-Vega e Cleide Almeida -* (São Paulo, Cortez, 2ª. Edição, 2002). (izabelp@spo.matrix.com.br)

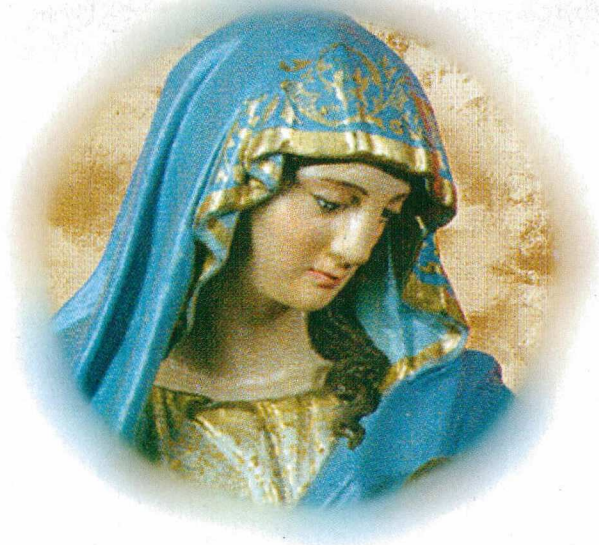
**Revista Ave Maria
Leia, assine, dê
de presente...**

**Por apenas R\$ 25,00
ao ano, você a
receberá, todos os
meses, em sua casa.**

**0800 - 555 021
(Ligação grátis)**

Senhora da Embaixada

Roque Vicente Beraldi, cmf



A história de Portugal afirmava, categoricamente, que no país luso a religião dominante e oficial era a católica.

Um decreto de 20 de abril de 1911, porém, estabeleceu a separação entre o Estado e a Igreja, admitindo, igualmente, todos os cultos e seu funcionamento, *desde que não se opusessem à moral pública...*

As ordens religiosas foram expulsas ou proibidas, e o Estado encampou todos os seus bens, declarando-se *possuidor de boa fé*. Os bispos e sacerdotes que protestaram foram ou presos ou desterrados do território português.

Todavia, em 10 de julho de 1912, uma nova lei amenizou aquelas disposições e reformulou o relacionamento com a Igreja, reatando maior harmonia. Mesmo assim, aqui ou acolá, sempre apareceram atitudes desrespeitosas com tudo o que se referia à fé. Haja vista as aparições de Nossa Senhora, em Fátima, no dia 13 de outubro de 1917. Debalde os representantes da autoridade civil envidaram todos os esforços para pôr termo à torrente caudalosa e incessante das multidões atraídas pela voz humilde de três inocentes pastores. A intolerância e a perseguição tiveram apenas, como sempre, o efeito de tornar mais viva e intensa a fé e a piedade dos crentes.

O que disse Jesus sobre sua Igreja: *...as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt 16,18) continua sempre vivo.

Maria, cuja conceição sem pecado foi sempre honrada pela gente portuguesa desde seus reis aos mais humildes pastores, não podia esquecer tamanho res-

peito e dedicação a ela. Inúmeras são as manifestações de carinho homenageando a Mãe de Deus. São capelas, igrejas, catedrais, telas e esculturas, engrandecendo a Virgem de Nazaré. O Cônego Barreiros faz menção de *Nossa Senhora da Embaixada*, na Arquidiocese de Braga, na igreja de São Francisco de Guimarães, e comunica: "Outrora, eram aqui conhecidos os altares de Nossa Senhora da Embaixada".

Piamente, podemos concluir que diplomatas imploravam a proteção de Maria para o desempenho de suas funções em prol do povo, como também poderia ser altar comemorando a embaixada de Gabriel à que nos traria o Salvador.

Oração

Ó Deus que pela embaixada do Anjo nos fizestes conhecer a encarnação do vosso Filho, infundi em nossos corações a vossa graça para que cheguemos por sua paixão e cruz à glória da ressurreição. Por Cristo Senhor nosso.

Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

† José Salvino da Silva, Divinópolis, MG, 09.05.2003, com 78 anos.

† José Soliani, Indaiatuba, SP, 13.07.03.

† Marciana Moreira Correia, 02.06.2003, com 91 anos.

† Iris Torres Maia, Belo Horizonte, MG, 11.07.03, com 81 anos.

† Aparecida Constancio Pereira, Caxambu, MG, aos 10.07.03.

† Tereza Gomes de Oliveira, Campos Gerais, MG, 21.10.02

† Luiz Antonio Bilatto, Leme, SP aos 21.02.00, 53 anos.

† Reginaldo Lemos, Sta. Rita do Sapucaí, MG, 07.08.03, com 77 anos.

† Jandira Rodolfo de Conti, Agudos, SP, 05.04.03, 80 anos.

† Maria Zaiden, 08.02.02, com 73 anos.

† Emiliana Freitas de Gusmão, 03.06.03, com 86 anos.

† Geralda Costa Barbosa, Rio Verde, GO, 9.07.03, com 66 anos de idade.

† Guerino Berto, em Americana, SP, 30.07.02, com 91 anos.

† Maria do Carmo Almeida Nogueira (Filhinha), 13.04.03, com 81 anos.

† Rosa Dias, Rio de Janeiro, RJ, 06.09.03, com 91 anos.

† Virgínia Cassiano da Silva Borges, 30.11.02, com 82 anos.

† Clementina Rissato de Oliveira, Pompéia, SP, 17.04.03, aos 85 anos.

† Maria Orélia Cestari, Jaboticabal, SP, 26.10.03.

† Antônio Moreschi, Sta. Rita do Passa Quatro, SP, 05.09.03.

A mulher que bebe

O alcoolismo é uma doença e pode atingir qualquer pessoa.

Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher (Gn 1,27). Deus teve o prazer e a alegria de criar o ser humano, homem e mulher, à sua semelhança. A imagem desse Deus criador, às vezes, é danificada, escurecida com uma pedagogia de vida errada, praticada pelas próprias criaturas. A dependência química seja ela de álcool ou outras drogas, é uma corrupção à imagem verdadeira do Deus Pai Criador manifestada através da criatura dependente. Mesmo assim, o Deus criador não perde sua originalidade nem sua natureza divina.

O ser humano foi criado para dominar, ser vencedor, não para ser dominado nem vencido.

Infelizmente, o desvio de conduta do "homem" do caminho de Deus o leva, através dos vícios, ao fracasso, com suas bebedeiras e o uso de outras artificialidades que não estão dentro do Plano da Salvação. O homem foi criado para dominar a si e a natureza, não para ser-lhe submisso.

— Já é do nosso conhecimento que 12 a 15% das pessoas nascem com a predisposição tendenciosa para desenvolver



a dependência de uma ou mais drogas em sua vida, depois de começar a fazer uso de uma delas. O álcool é causador de muitos problemas pessoais, familiares e sociais e sua dependência é tida como uma doença que atinge toda a família.

Além do mais, a dependência do alcoolismo é uma doença que não distingue classe social, grau de instrução, cultura, raça, idade nem sexo. Muitas pessoas ficam admiradas quando ficam sabendo que uma mulher bebe ou bebia, como se ela, por ser do sexo feminino, estivesse livre desse mal que não tem fronteiras perante qualquer ser humano. Nesse sentido, a Sra. Wanda Lúcia, 59 anos, 40 de casada, com três filhos e quatro netos, do Bairro da Água Funda, São Paulo, Capital, vem dividir conosco sua experiência na "Vivência na Sobriedade" depois de sair do sofrimento da bebida. Hoje, ela vive em paz consigo mesma, com sua família, com a sociedade e com Deus.

Vejamos o que ela nos diz:

Padre Manoel: Com que idade começou a beber?

Wanda Lúcia: Comecei a beber com 47 anos.

Manoel: Tem convicção de que o alcoolismo é uma doença?

Wanda: Tenho convicção de que o alcoolismo é uma doença porque tudo o que deixa uma pessoa num estado anormal torna-se uma doença.

Manoel: Esteve internada?

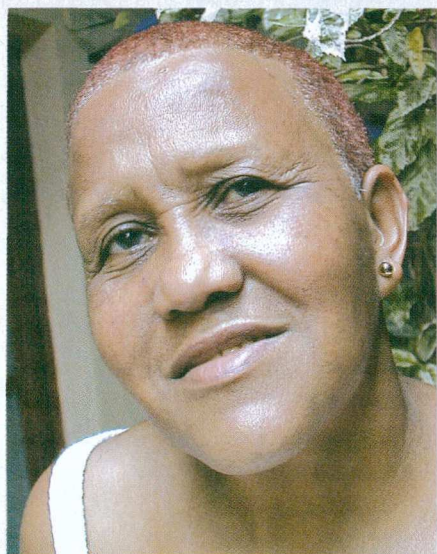
Wanda: Tive cinco internações. Na última, eu mesma quis me internar. Não conseguia mais viver bebendo e nem viver sem a bebida. Tive um desequilíbrio mental muito grande. Se não tivesse parado de beber, creio que teria entrado numa loucura total, irreversível.

Manoel: Quando bebia, pensou alguma vez em se matar?

Wanda: Toda pessoa que bebe é depressiva e sente muita solidão, mesmo estando no meio de muita gente. No desânimo que veio através das minhas bebedeiras, pensei muitas vezes em me matar. Pensava em acabar de vez com a minha vida, mas não tive coragem, não cheguei a tal ponto. Ainda bem!

Manoel: Teve fugas geográficas, ou pensou em fazê-las?

Wanda: Sim. Várias vezes pensei em sumir no mundo, sem destino, sem falar nada para ninguém, mas me faltou coragem e por isso não coloquei em prática essas idéias perversas que estavam em minha cabeça.



gar a tomar álcool puro, até álcool de limpeza. Isso foi muito deprimente para mim e achei que tinha me reduzido a zero.

Manoel: O que significava “Deus” para você, quando bebia, e, agora, sem beber?

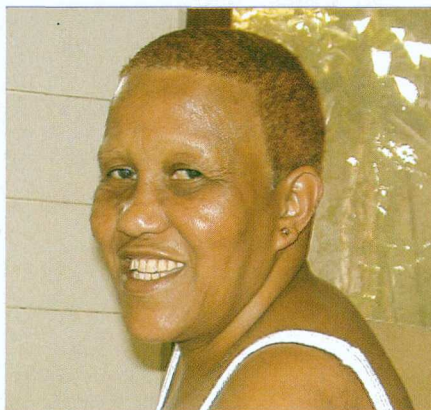
Wanda: Quando bebia, não acreditava em mais nada. Deus para mim era o álcool. A bebida era maior do que Deus; a bebida sempre em primeiro lugar. Agora, Deus para mim é tudo. Ele me devolveu a vida, a minha dignidade, meu respeito, minha sanidade e minha moral.

Manoel: Com quantos anos parou de beber?

Wanda: Parei de beber com 53 anos.

Manoel: Como se sentiu depois de parar de beber?

Wanda: Quando parei de beber, senti “um vazio” muito grande. Hoje, sinto-me maravilhosa sem a bebida e voltei a ser útil à família, à comunidade religiosa, convivendo muito bem na sociedade. A bebida me fez uma pessoa inútil. Agora, sou uma pessoa que vive a realidade da vida. Não vivo mais no mundo da fantasia. Hoje, te-



nho confiança em mim e sou uma pessoa confiável em qualquer lugar onde estiver.

Manoel: Teve auto-desengano?

Wanda: No final da minha bebedeira, achava que ia morrer bebendo, que não tinha mais jeito. Isso era uma falsa ilusão que vinha do próprio alcoolismo.

Manoel: Experimentou o “apagamento”, (amnésia alcoólica)?

Wanda: Contaram-me que certa vez, estava bêbada e subi no capô do carro do meu marido e fiquei dormindo lá em cima, mas não me lembro disso até hoje; e que outra vez, queimei minha barriga com água quente e não senti nada, mas também não me lembro. Hoje, acredito que até poderia ter tirado a vida de alguém e não me lembrar, em função da grande quantidade de álcool que tinha no meu corpo.

Manoel: Quais foram as pessoas mais influentes na sua vida que a sensibilizaram para fazê-la parar de beber?

Wanda: Houve várias pessoas da família, filhos, netos e outros que me levaram a tomar consciência de que deveria parar. Em primeiro lugar, foi o meu marido. Em segundo, minha irmã, Marta, que até ajudou a arrumar internações para mim. Depois, até o senhor que está me entrevistando. Tomei consciência de que deveria parar de beber porque minha família deixou de facilitar minha vida a partir de um certo momento da minha bebedeira.

O meu marido chegou a ir à mercearia e falar ao dono que não pagaria mais as bebidas que eu comprasse fiadas. E assim aconteceu. As portas foram-se fechando para mim. Começaram a entender o que era alcoolismo através de grupos de auto-ajuda e leram bastante sobre o assunto. Entendendo melhor o que era o alcoolismo, minha família percebeu que “facilitar minha bebida” estava piorando a minha vida. A partir daí, comecei a abrir os olhos.

Manoel: Como foi o seu “fundo de poço”?

Wanda: Meu “fundo de poço” foi che-



Manoel: O que fazia para salvar o seu vício, garantir sua bebida?


Wanda: Às vezes, aceitava a interação só para desviar a atenção das pessoas, mas, no fundo, não tinha nenhuma intenção de parar de beber. Outro mecanismo para continuar bebendo era a “negação”. Sempre dizia que não era alcoólatra, que não bebia tanto como estavam falando e que logo, logo, iria parar de beber. Corria, escondia-me até do senhor e até sua presença me incomodava. Não queria que ninguém mudasse a minha mentalidade que estava voltada totalmente para a bebida.

Manoel: Lembra-se de uma passagem bíblica que a ajudou a despertar para parar de beber?

Wanda: Foi o trecho do Evangelho de São João 8,33-36: *Replicaram a Jesus: “Somos descendentes de Abraão e ja-*

mais fomos escravos de alguém. Como dizes tu: Sereis livres?” Respondeu Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: Quem se entrega ao pecado, é seu escravo. Ora, o escravo não fica na casa para sempre, mas o filho sim, fica para sempre. Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres.

Manoel: O que faz, hoje, para se manter sem beber e manter sua sobriedade?

Wanda: Hoje, reconheço que, quando bebia, meus familiares também estavam doentes por causa do meu alcoolismo. Cansados, descrentes de mim e sem mais recursos, começaram a cuidar de si mesmos, deixando de facilitar a minha vida alcoólica. Senti-me isolada da família e me tornei um “objeto de desprezo” dentro do meu próprio lar. Quando me lembro dessas coisas, na atualidade, procuro ter hábitos diferentes dos daquela época para que possa manter a idéia de não voltar a beber. Agora, participo da Pastoral da Sobriedade e vou a outras reuniões e palestras que servem, especialmente, para me ajudar na manutenção da vida na sobriedade. 

Ao leitor: Se você tem um testemunho/depoimento que possa ajudar outras pessoas a melhorar suas vidas, e se desejar, escreva para a redação desta revista ou entre em contato com o Pe. Manoel Dias, pelo telefone (011) 3667-4007. Se julgarmos conveniente, publicaremos sua colaboração para enriquecer nossa “Vivência na Sobriedade”.

IRMÃS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA



JOVEM

embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

**VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO**

São Paulo, SP

Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso) CEP
04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258 (Parque Bom Retiro)
CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus”.
(Madre Fundadora)

A palavra é...

“A PALAVRA É...” PRETENDE SER PARA OS LEITORES DA REVISTA AVE MARIA UMA FONTE DE CATEQUESE. EM CADA NÚMERO, VAI-SE REFLETIR E CONHECER MELHOR O SIGNIFICADO DE PALAVRAS USADAS HABITUALMENTE E CUJO SENTIDO REAL E ORIGEM NEM SEMPRE SE SABE. SE O LEITOR TIVER DÚVIDA SOBRE ALGUM TERMO RELIGIOSO, ESCREVA-NOS. HOJE.

Elaborado por Luís Erlin.

INCENSO

Do latim: *incensum* – resina aromática que certas árvores deixam escorrer de seus troncos como lágrimas. Esta resina seca, quando queimada, libera um cheiro agradável. É utilizada em celebrações religiosas. Seu significado é de louvor e honra.

A origem do uso de incenso em cultos religiosos é incerto. Povos orientais, para agradar suas divindades, sempre queimaram incenso, buscando purificação e do ambiente onde estavam. Nas celebrações judaicas antigas, seu uso também pôde ser entendido como uma forma de dissipação do cheiro dos sacrifícios.

A compreensão cristã da queima do incenso nos cultos religiosos, compara a fumaça que sobe à oração da Igreja que se eleva a Deus. Esse exemplo visível, demonstra a eficácia da prece e da ação de graças.

Sendo um sinal de louvor, nas missas solenes, o incenso é queimado, buscando honrar as pessoas e os objetos da celebração. Incensa-se o altar, o missal

que contém a palavra de Deus, o celebrante e os participantes da missa.

Atualmente, muitas pessoas, por motivações diversas, queimam incenso... Parece uma onda modista e, geralmente, usam-se aromas artificiais. Seu significado nem sempre é religioso.

Construirás um altar para queimar sobre ele o incenso... Aarão queimará sobre o altar incenso aromático, a cada manhã, quando preparar as lâmpadas; queimá-lo-á também entre as duas tardes, quando acender as lâmpadas. Haverá, desse modo, incenso diante do Senhor, perpetuamente, nas gerações futuras... Esse altar será uma coisa santíssima, consagrada ao Senhor (Ex 30,1-10).



EPIFANIA

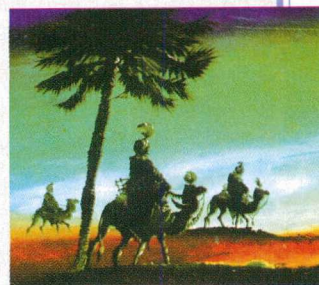
Epifania, teofania: esses dois termos são originários do grego – *epiphania/teophania* – que significam manifestação. É Deus quem se manifesta.

A epifania (manifestação) de Jesus está associada a três grandes acontecimentos de sua vida: a adoração dos reis magos (reconhecimento universal da divindade de Jesus); o batismo que Jesus recebeu de João Batista, em que Deus manifesta aos judeus a unção de seu Filho amado: *Tu és meu Filho amado; em ti ponho minha afeição* (Mc 1,11); e o milagre de Caná onde, por intercessão de Maria, Jesus faz seu primeiro milagre (sinal/manifestação) manifestando-se aos discípulos. São três manifestações de Deus e três “públicos” distintos: primeiro, aos gentios (todos os povos); segundo, aos judeus, o povo escolhido; e, por último, aos discípulos, aos que o Senhor quis consigo. Santo Agostinho agrega ainda como epifania de Cristo a multiplicação dos pães.

Antigamente, essa festa era chamada de Festa da

Estrela (*festum luminum*), recordando a estrela que guiou até Belém os magos do Oriente. Hoje, a festa da Epifania é celebrada em 6 de janeiro. No Brasil, esta solenidade perdeu um pouco de sentido, já em países vizinhos como Uruguai, Argentina e Chile, a festa é tão aguardada quanto o Natal. Nesse dia, acontece a troca de presentes (fazendo referência aos magos que apresentaram Jesus).

“As origens da Epifania nos evocam o Egito. O testemunho mais antigo, mas indireto, seria de Clemente de Alexandria, no século III. Um aceno, embora não ainda um testemunho explícito, nos é oferecido pela primeira carta pascal de Sto. Atanásio, no ano 329. Somente Cassiano, no ano 420, traz um testemunho explícito, comprovadamente datado” (Augé).



A Igreja Católica nunca falou assim...

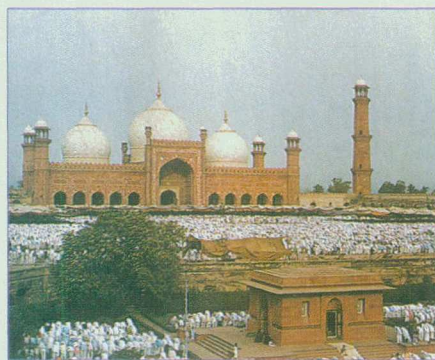
José María Vigil

(Continuação.)

Fiéis a nosso método de “ver, julgar e agir”, depois de termos constatado vários fatos da história (ver as edições, de abril a novembro de 2003, da Ave Maria), queremos construir, agora, fundamentados naquela realidade, nossa Teologia das Religiões ou do Pluralismo Religioso. Para isso, necessitamos, em primeiro lugar, de nos munir de algumas ferramentas com as quais possamos trabalhar mais facilmente. Começemos por um esclarecimento de linguagem: conceitos, nomes, definições e distinção de termos.

Teologia das religiões

A “teologia” pode ser definida de muitas maneiras, mas, em seu sentido mais amplo, é um conceito que, em todo caso, já pertence à bagagem cultural comum. Teologia é reflexão à luz da fé. Em princípio, sobre Deus: “teo” + “logia” (= tratado ou ciência sobre Deus), mas, por extensão, é toda reflexão que se faz, a partir da fé, sobre algum objeto adequado. Também



Mesquita Islâmica do Paquistão

se pode dizer que a teologia que reflete sobre algum objeto ou dimensão concreta do mundo da fé é um ramo da grande teologia; assim, podemos enumerar diferentes ramos: a Teologia dos Sacramentos ou Sacramentologia, a Teologia sobre a Igreja ou Eclesiologia, a Teologia sobre as Realidades Últimas ou Escatologia, etc.

Pois bem, “Teologia das Religiões” é o ramo da teologia que faz das religiões o objeto de sua reflexão religiosa. Estuda o significado das religiões, o sentido que têm no plano de Deus, sua validade salvífica, quais suas relações com a fé cristã, o que têm em comum ou de diferente, etc. As religiões são o “objeto material” da Teologia das Religiões, como os sacramentos o são da Sacramentologia ou a Igreja o é da Eclesiologia.

Teologia do Pluralismo Religioso

Este é, simplesmente, um novo nome para a Teologia das Religiões. Ou seja, é um sinônimo: significa a mesma coisa. É um nome que se está impondo, porque os teólogos parecem estar descobrindo que o “pluralismo religioso”, ou seja, a pluralidade de religiões, o fato de que sejam muitas e não uma... é o grande tema, o tema que lhes parece atrair a atenção central desta teologia. Antes, era o tema da salvação que constituía o centro



Monges budistas lamaístas, Mongólia

da Teologia das Religiões: haveria salvação nas outras religiões?, essa era a maior discussão. Agora, há um consenso comum, embora mínimo, pacificamente aceito, a respeito desse assunto da salvação em “outras” religiões, enquanto que a grande questão em debate, neste momento, é a pluralidade das religiões, o Pluralismo Religioso.

O tema da presença, ou não, da salvação em outras religiões (no caso do cristianismo, das religiões não-cristãs) esteve sempre presente ao longo dos vinte séculos de cristianismo. A este respeito, seria interessante reler o livro de F. A. SULLIVAN: *Há salvação fora da Igreja?*, Desclée, Bilbao, 1999, que revê a história do axioma: “Fora da Igreja não há salvação”, desde o princípio do cristianismo até nossos dias. Em suas páginas, pode-se verificar que esta pergunta a respeito do significado das outras religiões — sobretudo no aspecto da presença ou ausência da sal-

vação nelas — nunca deixou de acompanhar as Igrejas cristãs, embora nunca se tivesse feito dela um tratado sistemático, um ramo teológico, que viria a ser, mais tarde, a “Teologia das Religiões”. Durante todo esse tempo, houve alguns pensadores ou teólogos que se interrogaram sobre isso e deram suas respostas, mas não houve, em momento algum, um corpo de doutrina que pudesse ser considerado uma reflexão sistemática sobre as religiões, ou seja, não houve uma Teologia das Religiões. Esta aparece na última metade do século XX. Costuma-se considerar que o primeiro “livro” de Teologia das Religiões foi o de Heinz Robert Schlette, intitulado precisamente assim: *As religiões como tema da teologia*, publicado em 1963.¹

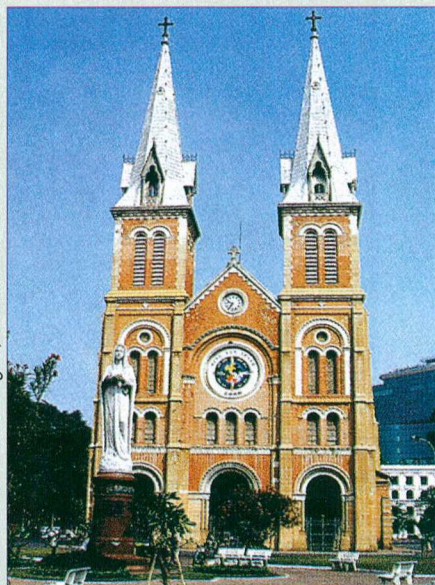
O Concílio Vaticano II significou a ocasião em que uma Igreja cristã mais falou e mais positivamente sobre as religiões não-cristãs, sem precedentes nem paralelos em toda a história (SULLIVAN, *Ibid.*, 195). As afirmações feitas pelo Concílio significaram uma porta aberta para os teólogos, que rapidamente avançaram por esse terreno, mas sem ruptura.

A grande novidade

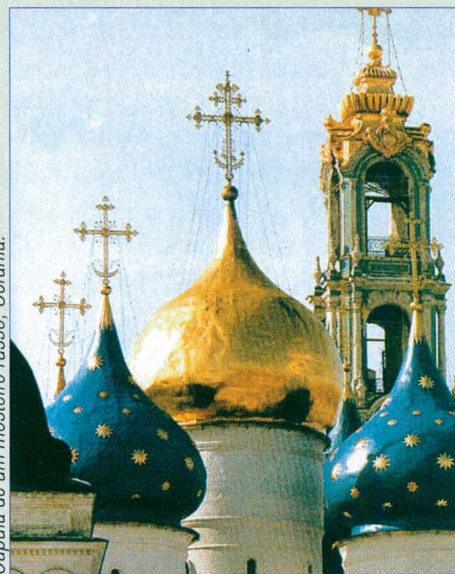
Todos sentiam — e ainda sentem — que estavam (e que estamos) num campo novo, numa etapa nova da relação entre as religiões, que é também o que permite fazer esta nova reflexão. Todavia, hoje, alguns dos mais famosos estudiosos da Teologia das Religiões refletem em seus livros que ela está em construção. Assim, *Para uma teologia cristã do pluralismo religioso* é o título da obra mais representativa de Jacques Dupuis. O ardor do debate que o tema trouxe para o meio teológico reflete a mesma coisa, assim como a reação de vigilância e cautela que, en-

tre os católicos, adotou a Congregação para a Doutrina da Fé.

O adjetivo “cristã” no título da citada obra de DUPUIS, nos dá oportunidade para fazer notar uma distinção. “Teologia” é uma palavra e um conceito de origem grega e que realmente existia antes do cristianismo. Sem dúvida, atualmente, “teologia” é considerada, de fato, um conceito cristão, embora em todas as religiões haja teologia — com outros nomes com frequência. Em toda religião, efetivamente, há uma “reflexão feita sobre a fé”, uma fé que busca compreensão e reflexão mais ou menos sistemática. Isso quer dizer que num sentido legítimo, a Teologia das Religiões não somente se dá entre os cristãos. Não há somente uma teologia das religiões cristã, mas pode haver uma teologia das religiões muçulmana, ou budista, ou hinduísta... Insistimos: não se chamará “teologia” em alguma dessas religiões (por exemplo, no hinduísmo), ao que for alheio ao conceito mesmo de Deus, (“theós”), mas, para nos entendermos, podemos falar de teologias das religiões feitas a partir de outras plataformas religiosas distintas do cristianismo, e devemos saber que




Catedral Católica de Saigon, Vietnã do Sul



Cúpula de um mosteiro russo, Ucrânia.

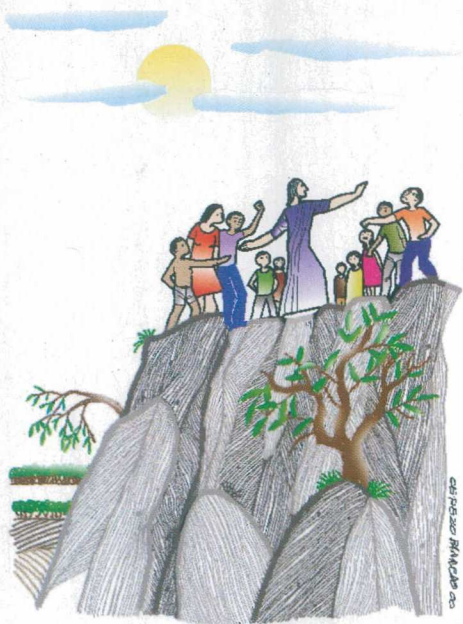
existem ou podem existir e é bom que existam.

Cabe aqui, então, uma pergunta: é possível construir uma Teologia das Religiões que não seja cristã nem muçulmana, nem de nenhuma outra religião, senão uma Teologia das Religiões que pretenda ser “inter-religiosa”? Há os que dizem que sim, e há os que dizem que não. Neste momento, não nos interessa tomar partido, mas simplesmente nos conscientizar de que há uma “teologia cristã das religiões” — e que, nesse âmbito nos estaremos movendo, em princípio, enquanto não dissermos o contrário —, mas que também há teologia não cristã das religiões, e que, além disso, talvez se pudesse pensar numa “teologia inter-religiosa das religiões”.

Não é supérfluo assinalar, por óbvio que seja, que a Teologia das Religiões deve ser claramente distinta da Ciência das Religiões, da Antropologia das Religiões, da História Comparada das Religiões, etc. Todas elas são também ciências muito jovens, de apenas pouco mais de um século. 

(Continua.)

¹ (SCHLETTE, Heinz Robert. *Le religioni come tema della teologia*, Morcelliana, Brescia, 1968 (original alemão de 1963); *Towards a Theology of Religions*, London, 1966).



Jesus, profeta para as nações

4º domingo do Tempo Comum
1º de fevereiro

INTRODUÇÃO

Os habitantes de Nazaré não toleraram que Jesus quisesse anunciar salvação aos pagãos. Queriam exclusão e vingança. O cristão, profeta do amor, enfrenta também a perseguição, como o Mestre.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Jr 1,4-5.17-19

Profeta é a consciência crítica do povo. A denúncia profética é juízo de Deus sobre a malícia humana e, ao mesmo tempo, comunicação da sua santa vontade. É sempre um convite à conversão do coração. Jeremias nunca foi um personagem aplaudido e elogiado pelas multidões, e menos ainda pelos que detinham o poder.

Por que acontecia isso? Porque se sentia profundamente amargurado, quando o povo escolhia os caminhos da morte; na sociedade eram instauradas leis e praxes injustas; os que deveriam proteger os fracos, amparar os órfãos e as viúvas se omitiam e se

apoiavam nos poderosos e mandantes.

Uma energia, vinda de Deus, impeliu o profeta a erguer a voz para denunciar o pecado, as opressões, a exploração, as violências daqueles que conduziam o povo à ruína. Também nós se pensarmos que nesta luta pela justiça estamos sós, então seremos tentados a desanimar. Agora, como naquela época, não nos devemos esquecer, nas horas de angústia, das palavras dirigidas por Deus ao profeta Jeremias: *Não conseguirão vencer-te, pois estarei contigo para livrar-te.*

2ª leitura 1Cor 12,31—13,13

Esta leitura, fala do carisma da caridade, em sintonia com o tema das outras leituras. O cristão é profeta do amor e, justamente por amor, enfrenta também a perseguição.

O Cristo, cabeça da Igreja, unifica a multiplicidade e diversidade dos membros em um só corpo; é ele quem, unindo com a sua palavra viva as mentes e corações, cria a unidade da fé. Ora, essa diversidade não contrasta com a unidade da Igreja; antes, o pluralismo da unidade é necessário, como é precisa a multiplicidade de membros em um só corpo.

Mas para que o pluralismo seja legítimo, deve ser alinhado no amor de Deus, em Cristo, e não se limitar à tolerância de posições contrárias. Por isso, Paulo indica um caminho, melhor que os demais dons. Com isso, quer ensinar que a caridade é acolhida pelas pessoas, de maneira progressiva. Só o Pai é amor em plenitude.

O amor do qual nos fala é como o de Deus. Não nos ama porque sejamos bons, mas ama-nos para que nos convertamos e nos tornemos bons. Na nossa maneira de pensar, os primeiros são os bons e os últimos são os maus. Deus inverte essa ordem: prefere os pecadores, porque são mais necessitados do seu amor.

Evangelho Lc 4,21-30

Aconteceu a Jesus o mesmo que tinha sucedido aos profetas Elias e Eliseu, no Antigo Testamento.

Não lhe foi possível ajudar os próprios conterrâneos. Por isso, foi socorrer os estranhos. Uma das dificuldades para os habitantes de Nazaré, e para os próprios parentes de Jesus, acreditarem nele foi o de acharem que o conheciam muito bem.

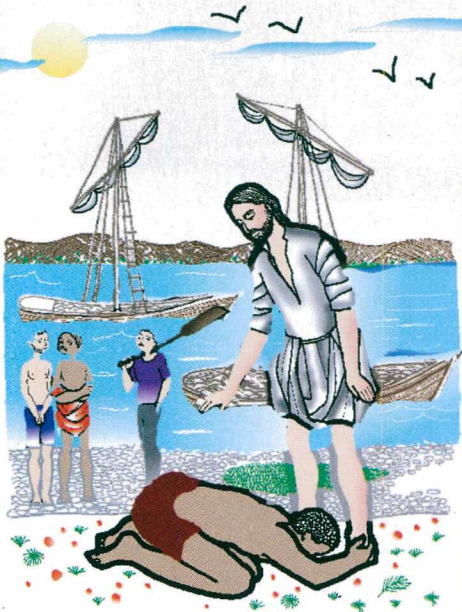
Na verdade, nada sabiam a seu respeito, porque se detinham só nas aparências. Hoje, também, muitos cristãos, após a primeira comunhão, afastam-se da Igreja. Diante, por exemplo, de nova interpretação de alguma passagem do evangelho, reagem, muitas vezes, com irritação. Julgando conhecer tudo sobre Jesus, ignoram sua própria identidade.

Outro motivo da revolta dos conterrâneos de Jesus foi a não-realização de milagres. São Mateus, ao narrar o mesmo episódio, deixou registrado em seu evangelho: *E, por causa da falta de confiança deles, operou ali poucos milagres* (Mt 13,58).

Jesus não salva o mundo através de prodígios, mas com o anúncio de sua mensagem e a doação da própria vida. O milagre é a sua Palavra. Profetas, nós também, constituídos pelo batismo porta-vozes da ressurreição, devemos, por outro lado, entender que o conflito e a perseguição acompanham todos os instantes de nossa vida. O trecho de hoje deve, portanto, ser interpretado como o prelúdio, apresentação do destino do Mestre: o drama da sua morte na cruz.

REFLEXÃO

Temos consciência de nossa vocação de profetas? Deixamo-nos envolver pela palavra do Senhor e por seu projeto? Temos a coragem de orientar e corrigir, confortar e reanimar? ■



Pescadores de homens

5º domingo do Tempo Comum

8 de fevereiro

INTRODUÇÃO

Somos chamados por Deus a ser exemplo vivo de sua Palavra. É Deus quem realiza, por nosso intermédio, coisas maravilhosas. Portanto, não podemos nos envaidecer, ou confiar em nossas pobres forças, nem desanimar, se as coisas não saírem como gostaríamos.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Is 6,1-2a.3-8

Isaías fala-nos, hoje, de seu chamado por Deus para anunciar sua Palavra.

Como é difícil contarmos para as outras pessoas nossas emoções, os sentimentos e as experiências espirituais. Por isso, o profeta se serviu de imagens para que o povo pudesse entender o que se tinha passado entre Deus e ele.

Nesta leitura, não nos devemos apegar às imagens ou tomá-las ao pé da letra. O importante é sua mensagem: O Senhor chama Isaías para um traba-

lho especial: será profeta das nações.

Sempre, entre o chamado de Deus e a missão, está a nossa resposta. O chamamento é uma livre proposta de Deus que nos é dirigida.

Isaías aceitou seguir o que o Senhor lhe pedia, mas tinha presente suas fraquezas e limitações. Reconheceu, então, suas faltas e pediu perdão a Deus.

Esta experiência dolorosa, mas salutar e purificadora, é vivida por todos aqueles que entram em contato com a palavra de Deus, viva e eficaz.

2ª leitura 1Cor 15,1-11

Guiando-se pelas Escrituras e iluminados pelo Espírito Santo, os Apóstolos chegaram de forma progressiva à fé incondicional no Senhor. Paulo nos convida a percorrer o mesmo itinerário. Sugere-nos escutar e meditar a palavra de Deus que nos é transmitida nas nossas comunidades, abrir nosso coração à iluminação do Espírito, a fim de cada vez mais, amadurecermos nossa fé.

Lemos na *Bíblia* que os Apóstolos, antes dominados pelo medo, depois, mostravam-se intrépidos. Mesmo diante dos que os ameaçavam de morte, confirmavam que Cristo estava vivo. Assim, o próprio Paulo, que tinha sido perseguidor dos cristãos, tornou-se um destes e considerou como "lixo" todas as bases religiosas que antes tivera.

Tal foi a fé que defenderam o apóstolos pela experiência por eles vivida com Jesus Ressuscitado.

Evangelho Lc 5,1-11

À primeira vista, a narração do chamamento feito por Jesus aos apóstolos pode-nos parecer apenas um fato histórico, edificante, sem nada ter a ver conosco.

Mas toda a palavra de Deus é viva e, portanto, tem uma lição atual para nós! Hoje, somos também chamados por Jesus a sermos "pescadores de homens".

Quando lemos isso, pode-nos parecer uma missão que não nos toca e que deve ser entregue apenas aos padres.

Mas, não! Ao contrário dos peixes, cuja vida tiramos quando os pescamos, os homens a ser "pescados" são os que devem ser recuperados para a vida. E não é preciso ir muito longe. Olhemos à nossa volta. Quantos esposos "se matam" com suas palavras ofensivas e dificultam qualquer tentativa de amor e fraternidade!? Quantos pais sentenciam a "morte" de seus filhos taxando-os de irrecuperáveis, desestimulando-os para a vida.

Quando Pedro lançou as redes em plena luz do dia, embora achando um despropósito, confiou em Jesus e obedeceu.

Os critérios que também nos devem nortear na vida podem parecer absurdos, mas devemos segui-los porque vêm de nosso Mestre. Se, por exemplo, propomos soluções de acordo com o ideal evangélico, se falamos de perdão, de reconciliação em nossos lares ou em qualquer outra circunstância, tornamo-nos imediatamente alvo de zombaria. Somos considerados simplórios, uns sonhadores, como alguém que "pesca ao meio-dia!".

O evangelho nos ensina que, enquanto não tivermos coragem de confiar na palavra do Mestre, não conseguiremos realizar nenhuma obra de autêntica libertação, fora ou dentro de nossas casas.

REFLEXÃO

Têm as nossas comunidades a consciência de que a única força que possuem é a Palavra que lhes foi confiada? Não se sentem, por vezes, inclinadas a confiar em outras forças, nas quais se apóiam os outros homens: o dinheiro, o poder, os favores, os privilégios proporcionados pelos poderosos deste mundo? ■



Caminho de Jesus

6º domingo do Tempo Comum

15 de fevereiro

INTRODUÇÃO

Anossa vida é um capital muito precioso que Deus colocou em nossas mãos. Onde o estamos aplicando? A maioria das pessoas coloca-o em sucesso, carreira, dinheiro, beleza, saúde... Estarão fazendo uma escolha certa?

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Jr 17,5-8

O profeta Jeremias nos convida a fazermos escolhas sábias. Alerta-nos sobre o perigo de nos deixarmos iludir por valores que todos apreciam, mas que, em verdade, não têm valor algum.

Os mais procurados são: o aplauso, subir na vida a qualquer preço, ganhar muito dinheiro, passar por cima dos outros, etc. Há outros que poucos aceitam como: a partilha dos bens com os irmãos, a generosidade, o serviço prestado aos outros, a busca da reconciliação a qualquer custo.

Estes últimos são bens desvalorizados, pelos quais poucos têm a ousadia de comprometer a própria vida. Entretanto, ensina o profeta, são estes que de-

vem ser procurados. Os homens deste mundo consideram-nos com desprezo, mas Deus se apresenta como garantia para aqueles que os buscam. Sobre quais valores fundamentamos nossa vida? Nos bens materiais, na busca dos prazeres, no roubo, na vingança, na trapaça, na exploração do trabalho dos outros, no egoísmo, nas amizades que nos conduzem à perdição?

O profeta constata que uma vida construída sobre estes últimos valores está destinada à ruína. É por essa razão que muitos daqueles que põem como único objetivo na vida o sucesso nos negócios, na política, na profissão, desesperam-se quando lhes bate à porta qualquer adversidade. *Estes lançaram raízes na aridez do deserto.*

Aqueles, porém, que põem sempre sua confiança no Senhor, não terão medo de que chegue o “calor” da provação. *Sua folhagem permanecerá verde.* Ou seja, o bem praticado, o amor espalhado, a paz construída permanecerão para sempre!

2ª leitura 1Cor 15,12.16-20

Como explicar que devamos considerar como felizes aqueles que aos olhos dos homens parecem uns fracassados? É que esta vida é somente a gestação que nos prepara para o nascimento para outra vida com Cristo Ressuscitado. Esta esperança muda as perspectivas da vida. Tudo o que acontece, alegrias e sofrimentos, os eventos felizes ou não, tudo se enquadra numa maneira de ver nossa vida de modo diferente.

Para esclarecer melhor este pensamento, Paulo se serve da comparação com as primeiras colheitas. Não são diferentes das outras, são simplesmente as primeiras. Cristo foi o primeiro a ressuscitar: todos os homens que morrem depois dele, acompanham-no e têm o mesmo destino.

O evangelho não é um código de leis. É um anúncio de alegria por tudo

aquilo que Deus fez por nós. Tem um projeto de amor para cada ser humano. Participar de sua salvação. Não viemos do nada para voltar ao nada. Nasceremos de um gesto de amor e somos destinados ao encontro com ele.

Evangelho Lc 6,17.20-26

Os Apóstolos, ao ouvirem o convite do Mestre, abandonaram tudo, levantaram-se e o seguiram.

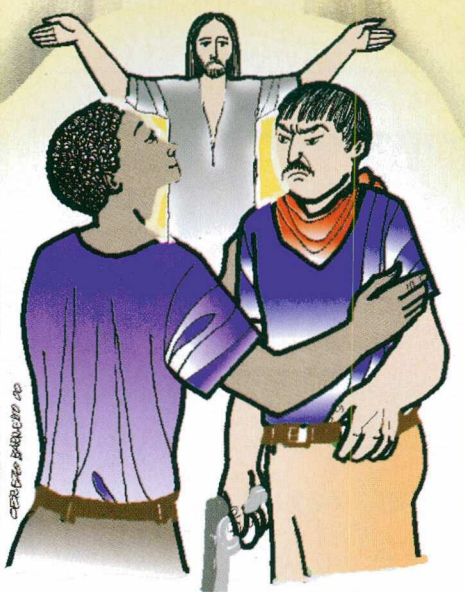
Pode-nos parecer que aquela renúncia não significasse muita coisa, uma vez que pouco possuíam. Todavia, foram chamados por Cristo de bem-aventurados, porque tinham entendido que a vida do homem não depende dos bens que possui. Para conseguir a felicidade, será então necessário nos tornarmos miseráveis? Não! Os ideais do cristão não são a privação, a indigência, o sofrimento. O motivo da alegria é a promessa de que para nós chegou o reino de Deus.

E o que significa isto? Quer dizer que nos recusamos a adorar o dinheiro, a ponto, por exemplo, de nos deixar corromper por ele. Entendemos que os bens materiais não constituem um mal em si mesmos, não devem ser destruídos, mas partilhados.

Seremos também nós bem-aventurados porque, renunciando à posse dos bens materiais, contribuimos para criar uma sociedade mais justa. Mas também porque, tendo o coração desapegado do dinheiro, podemos nos abrir para o projeto de Deus, para a salvação, que vai além dos horizontes deste mundo.

REFLEXÃO

Sobre quais valores fundamentamos a nossa vida? Continuamos apegados aos bens que possuímos? Compreendemos que só seremos bem-aventurados, no momento em que nos tornarmos livres do que possuímos pela partilha? ■



Amor gratuito e universal

7.º domingo do Tempo Comum

22 de fevereiro

INTRODUÇÃO

A violência, como todo mal, tem uma lógica, cria uma corrente, contágia. É necessário alguém que quebre o elo da corrente e impeça o contágio; que ame primeiro, que ame sem ser amado, como Cristo fez conosco.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura 1Sm 26,2.7-9.12-13.22-23

Quando meditarmos sobre este trecho, consideramos que Abisáí propõe a Davi o caminho da violência, conforme o modo de pensar comum naquela época.

Davi, porém, quebra o elo da corrente e escolhe o caminho do perdão.

A primeira maneira de reagir é ditada pela lógica humana. Pagamos o mal com o mal, agredimos e destruímos o outro. Costumes bárbaros — que estão distantes de nós. Mas não parece ser bem assim. Se examinarmos, com cuidado, nossas reações contra as pessoas que

nos ofendem, dentro de nossas casas, constataremos que também as agredimos com palavras pesadas, ferinas e com ações igualmente bárbaras.

O segundo modo é o perdão incondicional. No Novo Testamento, porém, Jesus nos ensina que é preciso ir mais além do perdão. Não somente perdoar, mas procurar quem está no ódio para se converter ao amor.

Foi assim que o Pai fez. Mandou seu Filho ao nosso encontro, a nós que éramos pecadores. Amou-nos, não porque éramos bons, mas para nos tornar bons. Gratuitamente!

2.ª leitura 1Cor 15,45-49

Esse estado de espírito de amor e paz é o prenúncio do que nos espera no céu. É semente da ressurreição. Viver assim em plenitude, felizes, conforme o desejo de Jesus, prepara-nos para a inevitável morte como o momento mais bonito de nossa vida. O encontro com Deus nos há de purificar de nossos pecados, eliminará todos os nossos elementos negativos. Ficará em nós só a capacidade de amar. Por isso, não terá sentido conservar a lembrança dos erros cometidos. Embora tenhamos sofrido nesta vida, não devemos alimentar rancores.

Como poderemos odiar ou prejudicar nossos irmãos neste mundo, se acreditamos que um dia nos reencontraremos todos unidos numa festa, sentados a uma única mesa, na casa do Pai? Estaremos, então, mortos para o desamor e libertos totalmente.

Isso é obra do Espírito. O mesmo Espírito Santo, que nos foi infundido no batismo, e que há de nos ressuscitar como o fez com Cristo.

Evangelho Lc 6,27-38

São Lucas, ao nos passar o que Cristo tinha ensinado sobre o perdão, deixou tanta matéria para nossa reflexão, que levaríamos muito tempo

pensando e repensando. Talvez pudéssemos resumir a grande novidade que Cristo nos pede: além do simples perdão, o amor desinteressado e incondicional aos inimigos.

Assim, há três categorias de pessoas. As que, embora recebendo o bem, praticam o mal; as que respondem ao bem com o bem e ao mal com o mal; e as que respondem ao mal com o bem, o que é difícil para muitos de nós. Porque nossa tendência natural é odiar a quem nos ofende e pagar-lhe na mesma moeda. Devemos orar para termos força de amar os próprios inimigos, para renunciar aos próprios direitos; para praticar o bem; para prestar serviço visando não as próprias vantagens, mas o benefício do outro e... sem reclamar. O amor com que damos enriquece a dádiva. Lembremo-nos de que é necessário que alguém quebre o elo da corrente da violência!

Devemos, sem dúvida, lutar contra a injustiça, contra a corrupção, mas devemos nos negar a usar métodos condenados pelo evangelho de Jesus.

Quando exigimos justiça por causa de algum prejuízo que sofreremos, não é verdade que, muitas vezes, longe de buscar o ressarcimento, queremos é somente vingança? Observemos as atitudes de um juiz e de uma mãe. Aquele pronuncia a sentença, fundamentando-se na lei. A mãe só quer a recuperação do filho. Valha-nos, por fim, a última sentença de nosso Salvador no trecho do evangelho de hoje: *Com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também.*

REFLEXÃO

Quando discutimos, temos coragem de quebrar o elo da violência? Se estivéssemos na condição de quem erra, gostaríamos de ser agredidos, humilhados e de que usassem conosco de violência? Buscamos o bem de quem nos ofende? ■

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE FEVEREIRO



4.ª SEMANA DO TEMPO COMUM

2 - segunda: *Apresentação do Senhor.* Mt 3,1-4 = O Senhor a quem buscais entrará no seu Templo. Sl 23. Hb 2,14-18 = Cristo devia assemelhar-se aos

irmãos em tudo. Lc 2,22-40 = Meus olhos viram a tua salvação.

3 - terça: 2Sm 18,9-10.14b.24-25a.30—19.3 = Morte de Absalão e pranto de Davi. Sl 85. Mc 5,21-43 = A filha de Jairo. A hemorroíssa.

4 - quarta: 2Sm 24,2.9-17 = Davi desvia do povo o castigo. Sl 31. Mc 6,1-6 = Jesus desprezado em Nazaré.

5 - quinta: 1Rs 2,1-4.10-12 = Última vontade e morte de Davi. Cânt.: 1Cr 29,10-12. Mc 6,7-13 = Jesus envia os doze em missão.

6 - sexta: Eclo 47,2-13 = Elogio do Eclesiástico a respeito de Davi. Sl 17. Mc 6,14-29 = Assassínio de João Batista.

7 - sábado: 1Rs 3,4-13 = Salomão pede a sabedoria a Deus. Sl 118. Mc 6,30-34 = Jesus se compadece do povo, ovelhas sem pastor

taura a idolatria. Sl 105. Mc 8,1-10 = Segunda multiplicação dos pães.

6.ª SEMANA DO TEMPO COMUM

16 - segunda: Tg 1,1-11 = Constância na fé. Sl 118. Mc 8,11-13 = Reclamam de Jesus um prodígio.

17 - terça: Tg 1,12-18 = Paciência nas provações. Sl 93. Mc 8,14-21 = "Fermento" dos fariseus e de Herodes.

18 - quarta: Tg 1,19-27 = Praticar a palavra e não apenas escutá-la. Sl 14. Mc 8,22-26 = Cura de um cego em Betsaida.

19 - quinta: Tg 2,1-9 = Caridade igual para todos. Sl 33. Mc 8,27-33 = Pedro declara sua fé em Jesus.

20 - sexta: Tg 2,14-24.26 = Fé sem obras, corpo sem alma. Sl 111. Mc 8,34 — 9,1 = Renúncia para seguir Jesus.

21 - sábado: Tg 3,1-10 = Pecados da língua. Sl 11. Mc 9,2-13 Transfiguração de Jesus.



5.ª SEMANA DO TEMPO COMUM

9 - segunda: 1Rs 8,1-7.9-13 = Salomão introduz a arca no templo. Sl 131. Mc 6,53-56 = Numerosos doentes recorrem a Jesus.

10 - terça: 1Rs 8,22-23.27-30 = Prece de Salomão na dedicação do templo. Sl 83. Mc 7,1-13 = Controvérsia com os fariseus: preceitos humanos e culto a Deus.

11 - quarta: *N. Sra. de Lourdes.* Is 66,10-14c = Eis que vou trazer a paz como um rio. Cânt.: Jt 13,18-20. Lc 1,41b-55 = O Todo-poderoso fez grandes coisas por mim; ele exaltou os humildes.

12 - quinta: 1Rs 11,4-13 = A idolatria de Salomão causa divisão no reino. Sl 105. Mc 7,24-30 = Mãe cananéia implora a cura da filha.

13 - sexta: 1Rs 11,29-32; 12,19 = Profecia a respeito do cisma das tribos. Sl 80. Mc 7,31-37 = Cura do surdo-mudo.

14 - sábado: 1Rs 12,26-32; 13,33-34 = Jeroboão ins-

7.ª SEMANA DO TEMPO COMUM

23 - segunda: Tg 3,13-18 = A verdadeira sabedoria. Sl 18. Mc 9,14-29 = Cura do menino epilético.

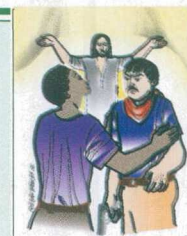
24 - terça: Tg 4,1-10 = Más paixões. Sl 54. Mc 9,30-37 = Segundo anúncio da Paixão: lição de humildade.

25 - quarta: Cinzas. Jl 2,12-18 = Apelo à penitência. Sl 50. 2Cor 5,20 — 6,2 = Reconciliai-vos com Deus! Mt 6,1-6.16-18 = Esmola, oração, jejum.

26 - quinta: Dt 30,15-20 = Ama ao Senhor, teu Deus, e obedece-lhe. Sl 1. Lc 9,22-25 = Quem me quiser seguir, tome cada dia a sua cruz.

27 - sexta: Is 58,1-9a = O verdadeiro jejum. Sl 50. Mt 9,14-15 = Quando se for o esposo, eles jejuarão.

28 - sábado: Is 58,9b-14 = Se fizeres o bem, encontrarás a felicidade no Senhor. Sl 85. Lc 5,27-32 = Vim chamar à conversão os pecadores.



Por que você não é igual a?...

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

Evidentemente, todos nós temos necessidade de falar com o outro ou do outro, mas quando o fazemos de forma compulsória, sem consciência, sem a capacidade de articulação com o momento e as conveniências da relação, tudo se torna problemático, afastando-nos de nós mesmos, evidenciam-se agressões. Em algumas famílias, por exemplo, é comum os pais compararem seus filhos aos de seus amigos e/ou parentes, ao repetirem explicitamente: “Por que você não é igual ao Fulano? Ele é que está certo!”. Agindo dessa maneira, estão negando seus próprios filhos, a própria educação que estão fornecendo e elegendo um exemplo externo de conduta que desconhecem. Da mesma forma, existem pessoas que insistem em superar o desempenho de qualquer outra, seja pelas vantagens ou desvantagens, vindo sempre com a frase: “E comigo, então?” ou “Não é bem assim!”.

Guilherme, juntamente com a mãe, chega à festa junina da escola. Lá se encontram com Mafalda e seus filhos, amigos antigos da família.

Durante a festa, Mafalda percebe que Guilherme está com alguma dificuldade para se sentar. Pergunta à mãe do garoto se há algum problema e no que pode ajudar. A mãe do menino explica, então, que ele está com um furúnculo na nádega. Mafalda prontamente diz:

— Fique tranqüila, amiga. Um furúnculo só não é problema. Meu fi-

lho já teve mais de dez e superou tudo muito bem. Ele é muito corajoso.

A mãe estranha o comentário de Mafalda, e Guilherme, que pega de raspão a observação da amiga de sua mãe, fica assustado com a possibilidade de vir a ter outros tantos e dolorosos furúnculos, além de se sentir frágil e covarde.

Mafalda, que aparentemente queria acalmar a amiga e o garoto, deixa-os mais tensos e temerosos.

Existem pessoas que precisam monopolizar os extremos, seja o máximo ou o mínimo. Crianças educadas num ambiente de exageros geralmente desenvolvem uma sensação de incapacidade, embora sejam tão capazes quanto qualquer um.

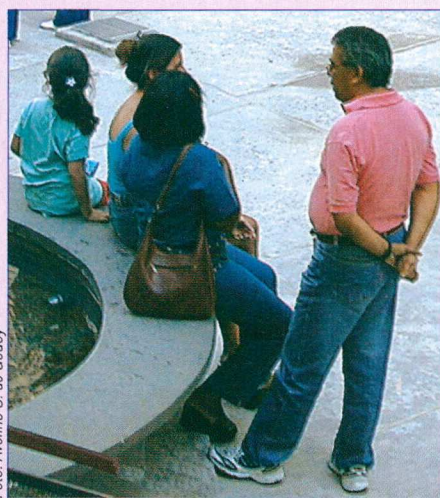


Foto: Avelino S. de Godoy

Alice, como sempre atarefada com o trabalho de dona de casa e mãe, quase não tem com quem conversar e trocar idéias. Mantém um costume não muito raro entre as pessoas solitárias: falar sozinha, pensar alto, hiperdimensionar a realidade. Entre uma reflexão e outra, tira as conclusões sobre seu casamento ou sobre seu marido.

— É sempre assim, ele nunca está em casa quando eu preciso! Não tem jeito, vai dar tudo errado!

Júnior, o filho de três anos de idade, é um ouvinte assíduo da mãe, sem, é lógico, que ela perceba. Quando ouve este tipo de comentário sobre o pai, pensa que algo muito grave está por acontecer. Sente medo pelo pai e torce ansiosamente para que ele chegue logo em casa. O pai, como de costume, chega do trabalho no mesmo horário, ouve o que a mulher diz, sempre concorda com suas queixas. Sem dar corda às reclamações da esposa, conclui a falida discussão com um ponto final compreensivo: “Tudo bem, meu bem, não há o menor problema”.

Depois de uns poucos minutos, o casal está calmo. Embora não tivessem resolvido absolutamente nada, sequer esclarecido as angústias de Alice, ficam calmos. Aliás, Alice se sente sempre mais tranqüila depois que o marido detecta que não há problemas e Júnior, sempre de olhos abertos e ouvidos atentos, decide. “Não acredito mais no que minha mãe diz”.

Com o passar do tempo, a relação de seus pais se agrava. Afinal, a atitude do pai de tranqüilizar a mãe já não faz efeito, Alice anda muito nervosa e insatisfeita. Júnior, que continua a ser um observador de toda esta história, toma outra decisão: “Não vou mais acreditar no que papai faz”.

Como o casal é viciado em grandiosidade e nos limites extremados dos fatos, e por isto repete automaticamente o mesmo padrão de comunicação exagerada e dramática, todas as situações de interação tornam-se confusas para seus filhos. Um dia, Alice telefona para o marido angustiada e diz: “Venha para casa correndo, Júnior está quase morrendo de febre!”.

Simone, a filha mais velha, de quatro anos de idade, fica ansiosa com o >>>

Vamos cozinhar?!

Entrada

SALADA DE REPOLHO

Ingredientes

- 1 repolho
1 água, sal, vinagre, cebola, alho socado com sal, pimenta-do-reino, e azeite



Modo de preparar

1. Corte o repolho em tiras finas, como se faz a couve-mineira.
2. Cozinhe em água e sal, escorra a água e tempere com vinagre as rodelas bem finas de cebolas, alho socado com sal, pimenta-do-reino e azeite.
3. Misture tudo e sirva frio.

Prato principal

ABÓBORA PRECIOSA

Ingredientes

- $\frac{1}{2}$ kg de filé de pescada
3 cubinhos de caldo de legumes
 $\frac{1}{2}$ xícara/chá de vinho branco seco, aquecido
1 xícara/chá de farinha de trigo
Óleo para fritar
1 kg de abóbora cortada em cubos
2 colheres/sopa de margarina



- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de leite
3 colheres/sopa de farinha de trigo
3 colheres/sopa de queijo ralado.

Modo de preparar

1. Tempere o peixe com 1 cubinho de caldo de legumes, dissolvido. Passe na farinha de trigo e frite. Cozinhe a abóbora com 1 xícara/chá de água, escorra e amasse.
2. Em uma panela coloque a margarina, a abóbora, o leite e cubinhos de caldo de legumes restantes. Leve ao fogo baixo, mexendo bem. Junte a farinha, o queijo e continue mexendo por 10 minutos.
3. Em uma fôrma refratária (grande), faça camadas de purê de abóbora e de peixe, terminando com o purê. Polvilhe com o queijo. Leve ao forno médio, por 10 minutos.

Sobremesa

COMPOTA DE CARAMBOLAS

Ingredientes

- 30 carambolas maduras
1 kg de açúcar cristal
Cravo-da-índia, a gosto



Modo de preparar

1. Lave e enxugue as carambolas. Corte-as em rodelas obtendo estrelas.
2. Disponha numa panela grande, uma camada de açúcar, outra de carambolas, assim sucessivamente, terminando com o açúcar. Leve ao fogo baixo e cozinhe sem mexer.
3. Quando as carambolas estiverem bem macias e a calda ligeiramente grossa, estarão no ponto.
4. Retire do fogo, espere esfriar, e coloque em compoteira.



REPOLHO: Contém vitamina C. Seu uso é importante para o desenvolvimento dos ossos e dentes. Aumenta a resistência dos tecidos e dos vasos sanguíneos, agindo contra as infecções e hemorragias. Com o cozimento, a vitamina C se perde em parte. Cem gramas de repolho equivalem a 28 calorias. Período de compra: de setembro até novembro, tem bons preços no mercado. Dentro desse período, recomenda-se, principalmente, o mês de outubro como o melhor para a compra desse vegetal.

>>> perigo que foi sinalizado por sua mãe. Fica preocupada e se sente impotente para ajudar a resolver a aflição da mãe e a gravidade do estado de saúde do irmão. O pai sai correndo do serviço, deixa tarefas importantes para trás, arrisca-se no trânsito e, chegando a sua casa, encontra a esposa apavo-

rada, a filha assustada e o filho prostrado. Vai até o quarto, põe o termômetro no garoto, e, para sua surpresa, constata que a febre não passa de trinta e oito e meio. O pai, desta vez, realmente fica irritado e berra: — Mas é só trinta e oito e meio! O Júnior não está quase morrendo! Ele não tem nada!

O casal briga para valer, trocam insultos diante do garoto febril e da filha temerosa. Simone olha tudo com mais medo, mais raiva. Agora, ela também resolve que não vai mais acreditar nos seus pais. (Continua)

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.



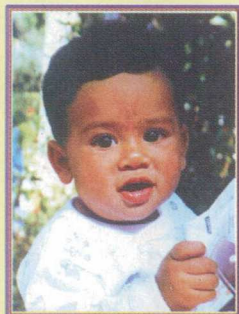
FIM

Mundo Feliz

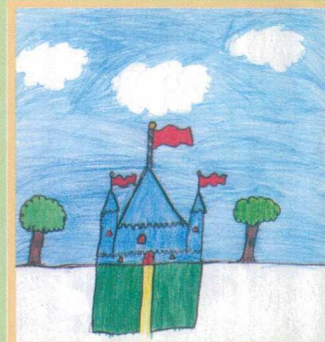


" Para se fazer um mundo feliz, deve-se respeitar a natureza sempre!"

Diogo - 12 anos
SP



" Eu acredito num mundo feliz...e desejo que para o futuro de todas as crianças e do meu filho Breno(foto), haja prosperidade, carinho, e que se faça mesmo um mundo mais humano, baseado, principalmente, no amor e na fraternidade!



Ariel Costa dos Santos
Sagrado Coração
Jandira - SP



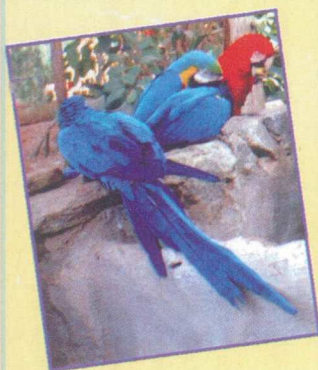
" Eu acho que um mundo feliz é aquele em que todos vivem com liberdade para brincar, sorrir e se dedicar à arte..."
Camila - 10 anos - SP

Cartinhas para Turma da Maíra
Rua Santo Estêvão, n.300
casa 11 - Aldeia de Barueri
Barueri -SP - CEP 06440-190

Beijos

Para:
Pollyana(foto)
S.J.dos Pinhais-Pr

Renata Paixão
Campos Gerais,
MG.



Cantinho do Babo

Oi turma! Hoje estou aqui para apresentar minhas amigas araras e também para alertar sobre o grande perigo das queimadas! Vamos ajudar a combater esse enorme prejuízo para a natureza...

Tome sempre muito cuidado



ao andar na mata ou adjacências, para não jogar fósforos, ou qualquer tipo de lixo, principalmente latinhas e materiais de metal, pois causam a combustão nos tempos de muito calor!

Se você conhece pessoas que têm o costume de fazer queimadas em pastos ou mato, alerte para este problema. Numa queimada, morrem milhares de filhotes, animais de todo tipo, plantas, etc...e você sabe como tudo isto é tão importante e insubstituível !

AH! Se você é preocupado com a natureza como eu, me escreva!

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

NOVA PROMOÇÃO

Grátis!



COLEÇÃO "SANTOS - OS AMIGOS DE JESUS"



ESCOLHA UM LIVRO PARA VOCÊ E UM PARA CADA NOVO ASSINANTE!

• Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha 1 livro e o novo assinante ganha outro.

• Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:

- 1) Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
- 2) Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0

• Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

**Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 5º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

• **Mais informações: Ligue grátis 0800-555-021**

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP: -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP: -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

MARIA
REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
TELS.: (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SFM
AVE MARIA
"CORREIOS"